

Série PUIGGARI-BARRETO

SEGUNDO
LIVRO
DE
LEITURA

9.ª EDIÇÃO

*Premiado com medalha
de prata na Exposição
Universal da cidade de
S. Luiz - E. U. A.*

Livraria Francisco Alves & C.
RUA DO OUVIDOR, 166 — Rio de Janeiro
RUA DE S. BENTO, 65 — S. Paulo
RUA DA BAHIA, 1055 — Belo Horizonte

1911

SA
38.8
34

A 10
33



00001444

A
7

13
10/10/10

23601

Série PUIGGARI - BARRETO

D. R.

C. N. de E.

SEGUNDO

LIVRO DE LEITURA

PELOS PROFESSORES

Arnaldo de Oliveira Barreto

Ex-Inspector das escolas-modelo annexas á Escola Normal,
Director do Gymnasio de Campinas

— E —

R. Puiggari

Ex-Director do Grupo Escolar do Braz

Livro aprovado pelo Governo do Estado de S. Paulo e adoptado em todas as escolas publicas; pelo Governo municipal da Bahia; pelos Conselhos de Instrucção Publica dos Estados de Santa Catharina e do Espirito Santo; e premiado com medalha de prata na exposiçãõ universal da cidade de S. Luiz. (Estados Unidos da America).

NOVA EDIÇÃO, MODIFICADA E AMPLIADA

POR

Arnaldo de Oliveira Barreto

LIVRARIA FRANCISCO ALVES & C.^a

Rua do Ouvidor n. 166 — RIO DE JANEIRO

Rua de São Bento, 65

S. PAULO

Rua da Bahia n. 1055

BELLO HORIZONTE

1911

Biblioteca Nacional de Maestros

BIBLIOTECA NACIONAL
DE MAESTROS

129X-198



A' infancia brasileira

OO. e DD.

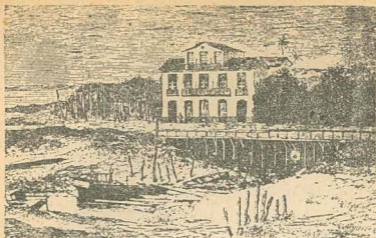
Os autores.

AOS SNRS. PROFESSORES.

Nosso modesto trabalho é mais didactico que literario; por isso não citamos parcialmente as fontes de onde respigámos muitos dos assumptos que vão entremeiados ás producções puramente originaes. Entretanto, a prohibidade manda que declaremos que, para a feitura deste volume, nos aproveitámos dos trabalhos de Oreste Boni, Bartrina, Jules Masson e Leon Tolstoi.

Que os nossos compatriciosinhos dellas se aproveitem com a maior avidez é o que desejam

Os autores.



Férias

Passei as férias na roça,
Esquecendo, por dous mezes,
Os trabalhos, os revezes,
E o preparo das lições!
Foram semanas alegres,
Em que refiz a saúde;
Diverti-me quanto pude
No povoado e nos sertões!

Oh! como se foi depressa
Dezembro após de Novembro!
Com que saudades me lembro
Dos dias que lá passei!
Não é que, o encanto da vida
Da cidade, eu não comprehenda!
Mas, a vida da fazenda
Nunca mais a esquecerei!

De manhã, o banho frio
Por baixo da cachoeira;
O bom leite na mangueira,
E a caneca de café;
Depois, o exercicio leve,
Pelo pasto ainda orvalhado,
E um passeio moderado,
Ou a cavallo ou a pé!

Com que prazer percorria
Aquelles bellos logares,
Desde a horta até aos pomares,
Do terreiro aos cafezaes!...
As colonias, os caminhos,
As roças, as derrubadas,
E as *tiguéras* reservadas
Para a engorda de animaes!

Umas vezes, carregando
Minha certa espingarda,
Ia collocar-me em guarda
Na céva do capoeirão;
Ahi esperava os *queixadas*,
Que vinham, em grandes varas,
Arrebrandando as taquaras
Pelo fundo do grotão!

Organisava caçadas
A's antas, pacas, veados,
Com cães, tão bem amestrados,
Que era um encanto caçar!
Foi ahi, na matta virgem,
Que conheci a natureza
Em toda a sua grandeza,
Impossivel de egualar!

Oh! como se foi depressa
Dezembro após de Novembro!
Com que saudades me lembro
Dos dias que lá passei!
Não é que, o encanto da vida
Da cidade, eu não comprehenda!
Mas, a vida da fazenda
Nunca mais a esquecerei!



A despedida

Acabaram-se as férias.

Paulo e Donato tinham, pois, de voltar dali a dous dias para a cidade.

Não queriam, porém, retirar-se da fazenda, sem visitar ainda uma vez os logares onde haviam passado tão ditosos momentos.

Assim, na vespera da partida, logo que amanheceu, desceram juntos para o quintal.

A manhã estava bellissima.

Apegadas aos cipòs, que se enredavam nas arvores, as gottas de orvalho, luzindo aos raios do sol, pareciam rosarios de brilhantes!

Dos beiraes do telhado, das cercas das mangueiras, das arvores, de todos os lados, emfim, os passarinhos cantavam alegremente.

Chegaram ao pequeno córrego, onde as lavadeiras costumavam lavar as roupas.

Lá estava a marreca com os seus cinco filhinhos, a nadar alegre para todos os lados.

— Bom dia! bom dia! marrequinha.

A marreca, suppondo que elles lhe iam levar as costumadas migalhinhas de pão, esticou o pescoço, bateu as azas, e agitando-se toda na agua, grasnou alegremente:

— Quá! Quá! Quá!

Elles sorriram-se do engano da marrequinha; e dizendo:

— Adeus! adeus! marrequinha! dirigiram-se para o pasto.

A *Mochinha*, a boa vacca leiteira, vinha voltando do pasto, em direcção á mangueira, para ser ordenhada.

Ao defrontar os meninos parou, e, estendendo o pescoço, soltou um mugido alegre, que echoou longe.

Pouco depois chegavam á capoeirinha que, como um caramanchão, se erguia no meio do vasto campo.

Era ahi que elles tinham armado seus balanços, com cordas suspensas das arvores, tornando-a o logar favorito dos seus brinquedos diarios.

Balançaram-se pela ultima vez, durante uns vinte minutos, e depois encaminharam-se para o gallinheiro.

Que forte algazarra se fez entre as aves quando lá entraram!

Pintos a piar, gallinhas, marrecos, patos, ganços, numa revoada alegre, correram ao seu encontro, enchendo o ar de poeira e pennas.

Sómente os perús, todos enfunados, não quizeram sahir do logar em que estavam, e lá se deixaram ficar, a fazer roda, roncando, e a soltar de quando em quando o seu desengraçado gurú-gurú-gurú!

De repente, de cima do rancho de sapé, que servia de cobertura aos poleiros, uma pintadinha começou a cantar: Tô-fraco! tô-fraco!

Todo aquelle barulho, todo aquelle alegre movimento, tão cheio de vida, enchia de contentamento o coração dos dous meninos que já sentiam uma certa saudade ao pensar que iam deixar a fazenda.

E essa pequenina sombra de saudade não os deixou, até chegarem á casa, onde os preparativos para a viagem e o almoço, que já fumegava sobre a mesa, lhes distrahiram o espirito para outros pensamentos.



A's creanças

Vinde commigo, pequenos,
por estes prados amenos,
por estes campos em flor;
Aqui vereis uma escola:
abrir-se em cada corolla
o livro santo do amor.

Oh! sim; a flor delicada,—
quando apparece a alvorada
rasgando ás nuvens o véu,—
abre seu calix cheiroso;
parece rir-se de goso
ao sol, que ri lá no céu.

E' porque a flor, tambem, sente—
que brilha na haste, contente,
e ama com força tambem...
Amar—a flor vos ensina,
—ou rosa, ou lirio, ou bonina—
a quem vos guia e faz bem.

A volta para a cidade

Paulo e Donato disseram o ultimo adeus á fazenda, e, em companhia do tio José, tomaram o trem, no dia seguinte, de volta para a cidade.

Que agradaveis foram as semanas que lá passaram, robustecendo-se no bem-estar daquella vida simples e rude, porém cheia de attractivos!

Paulo, principalmente, que nunca estivera tanto tempo em uma fazenda, voltava entusiasmado.

Recostando-se ao banco do vagão, olhos meio cerrados, repassava ainda na memoria tudo o que mais o impressionára; e, mentalmente, repetia os ultimos versos da poesia de tio José:

Não é que, o encanto da vida
Da cidade, eu não comprehenda!
Mas, a vida da fazenda
Nunca mais a esquecerei!

E o trem corria.

Da janella do vagão, os dous meninos contemplavam as paizagens que se iam succedendo.

As arvores lá ao longe, e os vastos campos, e os cafezaes alinhados, e os capoeirões, tudo, tudo parecia mover-se em sentido opposto áquelle que o trem seguia. Os postes telegraphicos, porém, e as cousas proximas da linha, esses passavam rapidos como uma visão...



O conferente entrou no vagão recolhendo os bilhetes dos passageiros.

Faltava pouco para chegar.

A machina apitou.

Paulo olhou pela janella, e, a uns quinhentos metros adiante, avistou a casaria branca da cidade, as altas chaminés das fabricas, e as torres das egrejas.

Do outro lado da estrada começavam a apparecer as primeiras hortas e os pomares das chacaras.

A machina apitou de novo, agora com um apito mais prolongado.

Depois a sua velocidade foi diminuindo, diminuindo, até que parou resfolegando na estação apinhada de gente, que esperava amigos ou parentes.

O Dr. Silva Ramos; D. Julia, sua esposa; e os filhos, Victor e Luizinha, lá estavam também, aguardando anciosos a chegada do trem.

Paulo, logo que desceu, atirou-se nos braços de sua mãe, enquanto tio José e Donato se acercavam do Dr. Ramos e de seus filhos.

— Como estão gordos e corados! exclamou o Doutor. Não lhe deram muito trabalho estes dous peraltas, Capitão?

Tio José respondeu alegremente, pondo uma das mãos sobre a cabeça de Donato:

— Nada! nem um pouco! Passámos, pelo contrario, umas semanas deliciosas, na mais completa harmonia. Esqueci-me até desta carga de annos, que tanto me pesa na cidade. Vida, podes crê-lo, só a que se passa na roça!

Paulo, olhando para o tio, com um arzinho brejeiro, recitou ainda uma vez os versos, que lhe não sahiam da memoria:

Não é que, o encanto da vida
Da cidade, eu não comprehenda!
Mas, a vida da fazenda
Nunca mais a esquecerêi!



Os animaes

Sentados ao tapete, em torno da cadeirinha baixa da vovó, Paulo e Donato contam maravilhas da fazenda.

Luizinha, com as palpebras pesadas de somno, lucha para não adormecer afim de melhor ouvir a conversa.

Donato descreve as suas caçadas e as suas pescarias, e diz que, quando fôr grande, ha de comprar uma boa espingarda de fogo central, para matar perdizes, codornas, veados, antas, pacas, e, si duvidassem, até onças...

— Onças! exclamou Luizinha, zombando, e abrindo a custo os olhinhos somnolentos; ora vejam só o grande caçador de onças! Tem medo até de baratas!

— Olhem que prosa! Medo, não; o que eu tenho é nojo! Mas de onça não tenho medo, nem nojo!

— Não tem medo o quê! Eu só queria vêr onde é que você ia parar com espingarda e tudo, si um dia uma onça lhe apparecesse no matto! Com certeza iria numa disparada até á China!

— E' melhor que cale a sua boquinha! Você nem sabe o que é onça!

— Não sei; não sei! retrucou Luizinha, meio insultada; onça é um bicho do tamanho de um boi!

— Do tamanho de um boi é o somno com que estás, minha filha! interveiu a vovó, sorrindo.

Luizinha fez um muchocho e ficou quietinha...

Paulo não queria saber de caçadas, nem de pescas.

Sua paixão eram os insectos, os moluscos, os animaes pequenos, emfim, e as plantas e as flores.

Queria tambem conhecer os animaes grandes, porque um homem illustrado deve forçosamente saber alguma cousa de zoologia.

— Então, tens muito que estudar, meu filho! exclamou o Dr. Silva Ramos que, naquelle mesmo instante, acabava de chegar; imagina, Paulo, que sobre a terra ha milhares e milhares de animaes. Uns, como as andorinhas e os condores, passam grande parte da vida a voar; outros, como os tubarões e as tainhas, a nadar; outros, emfim, a arrastar-se pelo solo.

Uns, vivem de hervas; outros, vivem de grãos e sementes; outros, de carne; outros, de insectos; e muitos não têm comida exclusiva: comem de tudo o que encontram.

Mas, herbivoros ou granivoros, carnivoros ou insectivoros ou omnivoros, os animaes deste mundo, parecendo-se numas cousas e differindo em outras, foram por isso, dispostos em grupos distinctos, a que os naturalistas chamaram especies, generos, ordens, ramos, formando tudo isso, classificado, o *reino animal*.

Vês, por ahi, meu filho, que, si quizeres saber um pouquinho que seja de zoologia, tens muito que estudar!



A caçada de macacos

— Mas, deixemos os estudos para quando fôr tempo! accrescentou o Dr. Silva Ramos;



conta-me alguma das tuas proezas na fazenda. Eu tambem quero conhecê-las!

— Ih! papae! O senhor nem imagina quanto nos divertimos! Passeámos, brincámos, caçámos...

— Caçaram tambem?!

— Pois então! E por signal que, na ultima caçada, conseguimos pegar um macaquinho!

— Bravo!

— Que caçada divertida, não, Donato? Nós tínhamos combinado com um caboclo, que mora lá na fazenda, o nhô-Néco, que

nos chamasse bem cedinho, afim de irmos afugentar um bando de macacos que andava estragando a roça de milho.

«Na manhã seguinte, ainda dormiamos profundamente, quando ouvimos umas pancadas na janella do nosso quarto, e uma voz a chamar-nos:

— *Eh! nhô-Paulo!... Nhô-Natinho!... Mecês levante, que o sór já está duas braça p'ra riba do matto.*

«Era assim mesmo que elle fallava, papae, empregando umas expressões differentes das que se usam aqui na cidade.

«Saltámos da cama e abrimos a janella.

«O caboclo tinha exaggerado.

«Estava escuro ainda. Apenas uma tenue claridade annunciava o proximo despontar do dia.

«Mas, assim mesmo, vestimo-nos e acompanhámos a nhô-Néco.

«Meia hora depois chegavamos á roça.

«Elle mandou que nós o esperassemos junto a um tronco de peroba, que haviam derrubado alli, e metteu-se por entre os pés de milho.

«Ia pé por pé.

«Dez passos adiante, parou, voltou-se para nós, fazendo-nos signal de silencio, e agachou-se.

«Ouvia-se um barulho exquisito, como de alguém que estivesse a rasgar palhas de milho.

«Nhô-Néco levou a espingarda á cara, fazendo pontaria.

«Ficou assim um instante. Quando firmou a mira e foi puxar o gatilho... ai, que engraçado! perdeu o equilibrio, de cócoras como estava, e lá se foi ao chão, sentando-se a todo o peso sobre uma touceira de milho, que se quebrou ruidosamente!

«O tiro tinha partido para o ar, e o bando de macacos dispersou para todos os lados.

«Nhô-Néco levantou-se furioso. Atirou ao chão a espingarda, e desapareceu, numa corrida desenfreada, pelo meio da roça.



Cá está o bicho!

Paulo e Donato, ao recordarem-se ainda da engraçada careta que fizera nhô-Néco



quando se levantára, desataram a rir em gostosas gargalhadas.

— E depois? perguntou o Doutor: nhô-Néco sempre conseguiu agarrar algum macaco?

— Espere, papae .. Passou-se uma hora.

O sol já tinha surgido de todo.

A passarada estava já a esse tempo toda desperta: urús, inhambús, arapongas, papa-capins, jacús e os outros tantos passarinhos das nossas mattas, andavam numa ruidosa revoada, á procura do seu alimento.

E nada de nhô-Néco apparecer!

Subimos a uma casa de cupins, para vêr si acaso o avistavamos. Nem sombra d'elle! Resolvemos, então, voltar para casa.

De repente, bem perto de nós, ouvimos uma voz alegre dizendo:

— *Antonce mecês pensava que o cabra desanimava á tóa!*

Era nhô-Néco, com o rosto radiante e orgulhoso, mas bufando de cansaço.

Trazia as mãos escondidas ás costas.

Depois accrescentou:

— *Quá dos dois que adivinhá o que eu trago aqui é d'elle!*

— E' um tatú!

— E' uma paca!

— *Quá! Nenhum dos dois adivinha mémo!*

E, num impulso rapido, para fazer graça, chegou-me até quasi aos olhos um macaquinho, que segurava pelo pescoço.

— *Este patricio era o espia!* foi dizendo; *custou pegá o marvadinho; mas o caboclo tinha jurado que havia de pegá, e mecês não sabe, jura em bocca de caboclo é coisa decidida! Bem que elle corria! Mas o caboclo tambem sabe corrê! Atravessei a roça grande: furei o vallo; e quando já*

estava quasi a lança p'ra fôra as tripa, agarrei o tà numa touceira de espinho em que elle se metten..

— Coitadinho!

— *Quà coitadinho, nhô-Paulo! Coitadinho de nòis, isso sim, que plantemo a roça p'ra estes patife vim estragá.*

Nòis, co'o trabaio; e elles a tirá o proveito! E' muito bão, não ha duvida! disse nhô-Néco, terminando.



Sonhos...

Luizinha, não podendo mais resistir ao somno, adormecera com a cabecinha apoiada ao cõllo da vovó.

O Dr. Ramos chamou D. Julia para ir deital-a na caminha.

Luizinha sonhava que estava na fazenda, sentada em um balanço, armado por Donato nos galhos de uma frondosa figueira.

De repente, do meio da folhagem da figueira, começou a surgir um menino muito parecido com Donato.

Mas o menino tinha cauda e era todo pelludo, e fazia-lhe umas caretas muito engraçadas. Luizinha sorria, firmando-se nas cordas e olhava para cima...

Justamente nesse instante, D. Julia a tomava em seus braços, para leval-a para o quarto.

Os labios de Luizinha, sob a impressão do sonho, entreabriram-se num sorriso satisfeito, deixando vêr uma fileira de dentinhos, alvos e luzentes como perolas.



D. Julia não cessava de contemplal-a, sorrindo-se tambem e afastando-lhe os cachos dos louros cabellos, que lhe cahiam sobre os olhos

O sonho continuava.

O menino pelludo, depois de fazer uma porção de micagens, veio descendo, descendo pelos galhos da figueira; pegou nas cordas do balanço e, puxando-as com toda a força, deu-lhes um vigoroso impulso.

Luizinha teve um estremecimento de susto, e, para não cahir, agarrou depressa às cordas, chamando:—Mamãe!—e abriu os olhos.

Mas, o que ella cingia era o pescoço de D. Julia.

— Que foi, minha filhinha? Que foi? perguntou esta, com grande caricia na voz, e imprimindo-lhe um beijo na testa. Que mau sonho teve o meu anjinho?

Luizinha abriu uns olhos muito espantados, mas, reconhecendo sua mãe, sorriu-se, cingiu-lhe mais fortemente o pescoço, e soltando um suspiro de allivio, adormeceu de novo





Canção

Dormí, travessas creancinhas:
Já estão dormindo as andorinhas!
Além o sol deitou-se.
Dormí, dormí uns sonhos leves;
São, no verão, as noutes breves,
De uma calma tão doce!

Dormí, dormí, que a noute veio!
Dormí, sem medo, sem receio,
Em vosso meigo asylo!
Dormí, dormí, que a passarada
Dará o signal da madrugada
Com melodioso trilo.

Dormí no leito perfumado,
No seio puro, idolatrado,
Do lar amigo e terno.
Por vós constantemente vela,
Como no céu brilhante estrella,
O santo amor materno.

Dormí, travessas creancinhas:
Já estão dormindo as andorinhas!
Além o sol deitou-se!
Dormí, dormí uns somnos leves:
São no verão as noutes breves,
De uma calma tão doce!



A idéia de Alvaro

— Não vaes hoje a escola!? perguntou Paulo ao Alvaro, que ia passando na rua.



— Vou, sim; mas ainda é cedo. Agora vou alli, á livraria, comprar os livros que a mestra indicou. Ha tres dias já que vou á escola sem livros.

Tambem só hontem é que papae recebeu dinheiro.

Aproveito a occasião para ir compral-os agora.

— Espera-me ahi; irei contigo. Eu tambem preciso comprar um lapis.

Paulo, depois de pedir licença á sua mãe, foi ter com o Alvaro.

— Paulo, disse Alvaro, logo que se puzeram a caminho; gostei muito da tua idéia do caderninho. Pretendo fazer um, tambem, este anno. Mas o meu ha de ser de lições de Historia do Brasil. Contei isto a papae; elle concordou, e deu-me dez tostões para comprar um caderno fino, com capa de papelão...

Chegaram á livraria.

Os caixeiros difficilmente podiam servir á numerosa freguezia, que se amontoava em derredor do balcão semi-circular.

— Um primeiro livro de leitura para este menino! dizia um.

— Uma lousa Faber n. 9! pedia outro.

— Uma borracha.. Um lapis de pedra... Um caderno de apontamentos.

— Esperem, esperem, mais devagar! observava o caixeiro, sorrindo-se, como atrapalhado. Vá dizendo agora...

— Uma borracha.

— Prompto!

— Um lapis de pedra.

— Prompto!

E enquanto outros iam pedindo, os caixeiros, numa actividade alegre, dizendo pilherias delicadas, brincando com os meninos seus conhecidos, serviam a todos, sem que ninguem se mostrasse magoado.

Alvaro e Paulo sentiam-se contentes no meio daquelle borborinho cheio de vida e de alegria.

— Já está despachado o senhor? perguntou um dos caixeiros a Alvaro.

— Não senhor. Eu quero isto que aqui está nesta lista.

— O caixeiro, num instante, reuniu todos os objectos da lista, fez um embrulho muito bem feito, que entregou ao Alvaro.

— Falta um lapis para o meu collega.

— Prompto! disse o caixeiro, trazendo o lapis.

Sahiram da livraria.

— Mas o meu caderno, continuou Alvaro, reatando a conversa, eu quero fazel-o com todo o capricho. Hei de pôr estampas ao lado de algumas lições. Já arranjei uma estampa de indigenas no meio do matto, que vae a calhar na lição que a mestra deu hontem. Has de vê-la e depois me dirás!

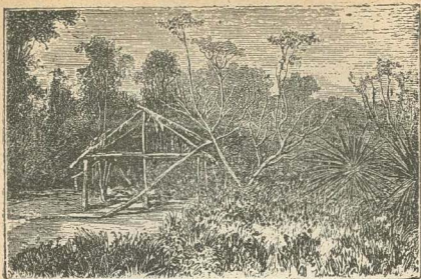
— Eu tambem pretendo continuar o meu caderno de poesias. Ainda hontem o Victor me trouxe do Gymnasio uma linda poesia. Queres vê-la?

Tinham chegado em frente á porta da casa de Paulo.

— Agora, não, que já é tarde; e si eu me demorar, terei de ir sem almoço para a escola.

— Então, eu t'a mostrarei um dia.

— Sim, obrigado, adeus.



Uma bella poesia

— Faça favor de me trazer o café! dizia o Paulo, da varanda, para a criada, que estava arranjando a casa.

Emquanto esta lhe attendia, tirando as chicaras do guarda louça e arrumando a mesa, Paulo poz-se a ler o jornal que estava sobre o sofá.

— Que linda poesia! exclamou de repente. Vou passal-a hoje mesmo para o meu caderninho.

Depois de tomar o café, foi buscar o seu caderninho, e levando-o com o jornal para a secretária do Dr. Silva Ramos, copiou a poesia que lá estava.

Era assim :

Na aldeia

Olha! — que paz se agasalha
Nesta casinha de palha,
A' sombra deste pomar!
Olha! vê!... que amenidade
Abre a flôr da mocidade
Na soleira deste lar!

Olha! — as flôres vêm sorrindo,
Dos verdes ramos cahindo
Aos beijos dos colibris!
Olha! — como entre a verdura
Arrulha doce a ternura
Das saudosas juritys!

Olha! esses montes virentes,
Estes arbustos florentes,
Estes risonhos vergéis!
Olha! os céos que além descobres!
Que reis tiveram mais nobres,
Mais deslumbrantes docéis?

Que valem ruidosos fastos,
Quando os corações, já gastos,
Não têm mais amor ou fé?

A ventura verdadeira
Vive á sombra hospitaleira
Da casinha de sapé.

Olha: que paz se agasalha
Nesta casinha de palha,
A' sombra deste pomar!
Olha! vê!... que amenidade!
Abre a flôr da mocidade
Na soleira deste lar!



A caminho da escola

Quando a escola se reabriu, Paulo e Donato já não iam sós: acompanhava-os a Luizinha.

Em dous dias a interessante menina fez amizade com muitas de suas colleguinhas.

D. Julia preparava agora tres *lanches* todas as manhãs. Luizinha, nos primeiros dias, com a satisfação de ir para a escola, nem almoçava quasi.

— Não, isso não, minha filha! Precisas almoçar.

— Mas eu não tenho fome, mamãe!

— Ora, vamos experimentar. Come este bifezinho com um pouco de arroz, sim?

Luizinha, da primeira vez, comeu o bife com arroz; depois, comeu mais um ovo frito, que D. Julia lhe puzera no prato; depois, tomou uma chicara de café com duas pequenas fatias de pão.

— Vês? Agora estás confortada e podes ir para a tua aula. Si nada comesses, ficarias com o estomago fraco. Depois, por causa da fraqueza do estomago, começaria a doer-te a cabecinha; doendo-te a cabecinha, não poderias comprehender nada do

que te ensinassem, e o dia ficaria completamente perdido para ti!

Depois que os tres meninos almoçavam, D. Julia entregava-lhes os respectivos *lanches* para comerem na escola, à hora do recreio.

A merenda era sempre feita com muito escrupulo.

D. Julia nunca dava fructas que não estivessem bem maduras; nem doces; nem massas pesadas.

— Todas essas cousas só servem para estragar o estomago! dizia.

Os meninos ficavam tambem prohibidos de comprar doces nos taboleiros.

— São muito nocivos taes doces, meus filhos, principalmente esses que tingem com côres diversas, para mais aguçar-se o appetite das crianças. Os doces coloridos são um veneno para o estomago!

E, depois, continuava sorrindo:

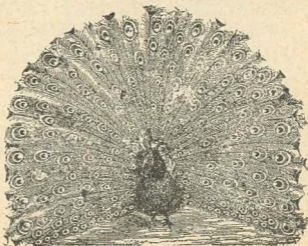
— Demais, agora os senhores não vão sós para a escola. Acompanham uma dama, a senhorita Luiza!

E cavalheiros educados não abandonam uma senhora na rua para ir comprar doces!

Seria muito bonito si tal fizessem!

E' na rua que se conhecem as pessoas bem educadas. Devem andar sempre sérios, evitando incommodar os outros com gargalhadas ou com conversas em voz muito alta; devem ser cortezes e saudar os conhecidos e os mestres quando os encontrem; devem ceder o melhor logar do passeio aos velhos e ás senhoras; devem proceder, emfim, na rua, como si estivessem em uma sala, porque a rua é a sala de todos, e ninguem gosta de quem o incommode.

E' um direito que todos têm, esse de não ser incommodados; assim como é um dever de educação, quanto a vocês, não se tornarem incommodos a ninguem.



Hymno

(Affonso Celso Junior.)

No eterno prélio divino
Da luz contra a escuridão,
Nós, os arautos do ensino,
Vencemos, tendo na mão
Os livros que, no menino,
Vão talhando o cidadão!

Conforta, alenta, consola,
Traz-nos um riso feliz,
Vêr da instrucção, numa escola,
Cahindo os póllens subtis
Sobre a nevada coròlla,
Dos corações infantís...

O' patria, mãe sacrosanta,
Pódes de orgulho sorrir...
Do trabalho os hymnos canta,
Que, nova senda a seguir,
A infancia que se alevanta
Tinge de luz teu porvir!

O Caderninho de Alvaro

O Alvaro, depois de haver pregado a estampa, de que tinha falado ao Paulo, escreveu ao lado della a seguinte lição:



1 — Nossa terra,

o Brasil, era

antigamente muito differente do
que é hoje.

Não possuia cidades, nem esco-
las, nem estradas de ferro.

Os seus habitantes moravam no meio do matto, que beirava os rios, e andavam nus. Alguns dellles usavam um avental, feito de pelle de animaes; e enfeitavam a cabeça, o pescoço e os braços com pennas de passarinhos.

2 - Eram os bugres ou os indigenas.

Não sabiam ler nem escrever.

Dormiam ao relento, no matto, em redes suspensas de troncos de arvores, ou dentro de casas que construiam, cobertas de folhas ou de sapé.

Alguns indigenas moravam em tocas e cavernas.

Comiam fructos silvestres, apanhados no matto; e peixes, aves, e outros animaes que caçavam.

Alguns plantavam mandioca e milho, de que faziam bebidas fermentadas.

3 - Os indigenas viviam em bandos.

Cada bando formava uma tribu.

Havia muitas tribus. Cada uma dellas era governada por um chefe, chamado cacique ou morubi-xaba.

O morubixaba era quasi sempre o guerreiro mais valente da tribu.

Algumas vezes, porém, escolhia-se para esse posto o indigena mais edoso.

Os indigenas falavam uma lingua muito differente da que nós falamos. Era a lingua tupy-guarany.



Arrufos...

Porque seria aquillo?!

Desde alguns dias, o Tupy e a Negrinha andavam arrufados.

Quando Tupy passava junto da Negrinha, esta tomava uma attitude aggressiva, arrepiando-se toda e mostrando os dentinhos afiados.



Quando Negrinha atravessava pela frente de Tupy, o cãesinho investia contra ella, obrigando-a a fugir em disparada!

Porque seria?

Dous amigos tão velhos, que viviam em constante harmonia, transformaram-se assim, da noute para o dia, em dous gallos de briga! Porque seria?



—Caprichos; são caprichos! disse Donato.

Não; era preciso que fizessem as pazes.

Paulo, Luizinha e Donato incumbiram-se disso.

Paulo segurou o Tupy, e Luizinha agarrou a Negrinha, enquanto Donato ia buscar os doces para o banquete da paz.

Donato voltou dalli a pouco com dous pedaços de presunto, que a vovó tinha dado, e tres bombocados.

Era elle o orador. Subiu então á cadeira.

—Virem esses dous briguentos pr'a cá! mandou.

Paulo e Luizinha obedeceram, fazendo o cão e a gatinha olharem para Donato.

— Minha senhora e meu senhor! começou o peralta. Diz um illustre sabio, o Capitão tio José, que quando um não quer, dous não brigam. Si isso é verdade, o senhor Tupy, como um cidadão distincto que é, terá a bondade de não mais brigar com D. Negrinha. A metade da paz ficará assim feita. E a senhora, D. Negrinha, como dama que se preza, não deve andar se eriçando quando o Tupy passar por perto de si. Uma dama, antes de tudo, tem de zelar de sua belleza, e, enraivecida, com os dentes á mostra, a senhora se torna muito feia! Cace os seus ratos, mas não ande a dar taponas nas bochechas do sr. Tupy, deshonrando-lhe as barbas! A felicidade é filha da amizade. A inimizade é filha do... do... de algum espirito sem educação.

Sejam, pois, camaradas outra vez: vivamos todos em paz, e comamos, vocês o presunto, e nós os bombocados que a vovó nos deu. Tenho dito.»

Donato desceu da cadeira, deu um pedaço de presunto a cada um dos animaes, e mandou que os collocasse no chão, ao lado um do outro.

Tupy comeu depressa o seu pedaço,

Quando acabou, foi sobre a Negrinha para tomar o pedaço que ella ainda mastigava.

Negrinha eriçou o pello e levantou a pata para arranhá-lo.

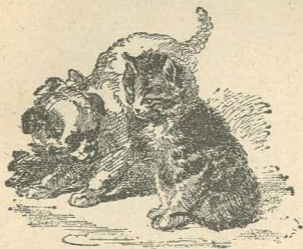
Tupy, insistiu, ladrando.

Negrinha, amedrontada, sahiu correndo para o quintal!

Tupy, perseguiu-a, e, na escada, atirou-se sobre ella, com todo o peso do corpo, rolando os dous pelos degráus abaixo, no meio do barulho das risadas dos meninos.



O Tupy e a Negrinha



Era uma gata—a Negrinha;
Era um cãozinho—o Tupy;
A gata, limpa, pretinha;
E o cão, que era branco, tinha
A viveza de um sagui!

Dormiam na mesma cama;
Comiam no mesmo prato;
Brincavam juntos na grama,
Desmentindo assim a fama
Das brigas de cão e gato.

Mas um dia, ai! triste dia!
A Negrinha e mais Tupy
Quebraram essa harmonia!...
Brigaram! Quem o diria?!...
Vou contar, que tudo eu vi!

Andavam, pela cozinha,
Os cantos a farejar,
E, mais esperta, a Negrinha
Uma pata de gallinha
Conseguiu abiscoitar.

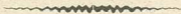
Não se encontrou a outra pata:
O Tupy não foi feliz;
E, daquella vez, a gata
Com o amigo fôra ingrata,
E compartilhar não quiz!

O Tupy chegou bem perto:
A gata não teve dó!
Reflexionava, de certo:
«Porque tu não foste experto?!
«Agora a petisco eu só!



Afinal, Tupy, zangado,
Empregou a força bruta,
E ella, com aspecto irado,
O pello todo eriçado,
Não se quiz furtar á lucta!

Já não mais brincam na grama;
Nem comem no mesmo prato;
Nem dormem na mesma cama;
Confirmando assim a fama
Das brigas de cão e gato!



Historia de um ignorante

I — FERIDO

Certa manhã, o Dr. Silva Ramos foi chamado a toda pressa, para vêr um operario que tinha cahido de um andaime.

Era um servente de pedreiro, que, ao atravessar uma táboa, tivera uma vertigem, e se despenhára.

O Dr. Silva Ramos entrou no quarto para onde o haviam transportado.

Não se podia imaginar maior miseria!

A cama, em que o ferido jazia deitado, era um velho enxergão todo cheio de buracos. Fazia as vezes de armario, mesa e assento, um só movel: um sujo caixão de kerozene!

O Dr. Ramos examinou o rapaz, que estava sem fala; fel-o voltar a si applicando-lhe á fronte uma compressa embebida em vinagre, e esfregou-lhe os pulsos. Depois receitou, dando dinheiro a uma vizinha para pagar o remedio e comprar um frango.

Emquanto a bôa mulher corria a toda a pressa á pharmacia, o doutor sentou-se

à beira do enxergão, e pôz-se a indagar do empreiteiro, que para alli accorrera tambem, como havia succedido o desastre, e quem era aquelle rapaz.

— E' que elle não tinha pratica nenhuma, disse o empreiteiro; penso que este pobre rapaz não estava lá muito acostumado ao trabalho. Para mim foi uma vertigem que o atirou ao chão...

— Mas como o receberam assim, sem pratica?

— Eu lhe conto. Ante-hontem, appareceu-me elle na obra a pedir trabalho. A principio não o quiz acceitar; mas tanto pediu, tanto insistiu, que tive remorsos de mandal-o embora.

— Pois fica, rapaz, lhe disse; mas não é lá grande cousa o serviço que te vou dar.

— Ora; tanto faz! me respondeu: o que eu quero é trabalhar, é ganhar minha vida honestamente. Vergonha é a vida que levo por ahi, comendo á custa dos outros e vivendo quasi, de esmolas quando possuo dous braços robustos e uma saúde de ferro!

Ah! si é como dizes cá, não te faltará no que exercitares os teus braços robustos e as tuas pernas de aço! disse eu rindo.

Empreguei-o então como servente de pedreiro. Na ocasião não tinha cousa melhor para lhe dar.

Coitado! bem se via que queria trabalhar; mas também logo se conhecia que não estava lá muito acostumado com a cousa!

Quando subia os andaimes, tremiam-lhe as pernas como se estivesse atacado de sezões! Afinal, lá veio a vertigem, e o resto o doutor sabe.

—Mas, então, elle nunca tinha trabalhado? perguntou ainda o Dr. Ramos, a quem haviam interessado as palavras do empreiteiro.

—Creio que não. Dizem por ahi que lhe morreram os paes ha pouco tempo, e que não tendo mais ninguem por si, neste mundo de Christo, se viu sem lar, sem alimento, sem nada, emfim. Essa mulher, que aqui estava ha instantinho, é quem lhe dá este cochichólo para morar de graça!

Foi tudo quanto pôde saber o Dr. Ramos.

Quando chegou á casa, contou á sua bôa esposa a desgraça que succedera ao rapaz, e a miseria de sua habitação.

—Pobre moço! exclamou D. Julia, comovida. E immediatamente resolveu cercal-o de mais conforto.



Historia de um ignorante

II — CONVALESCENÇA

D. Julia quiz ir pessoalmente visitar o ferido.

Assim, para que desde logo nada faltasse ao seu conforto, mandou levar-lhe um catre, colchão, travesseiros, roupa de cama, e tudo, emfim, que dêsse mais commodidades ao orpham infeliz.

Quando o viu, teve-lhe muita pena. Fez proposito de não mais abandonal-o, até que ficasse completamente curado.

Por sua vez, o Dr. Ramos continuou a visital-o todos os dias, e, felizmente, conseguiu pôl-o de pé no fim de duas semanas.

A ferida, que, a principio, se mostrára muito grave, fechou-se, entretanto, rapidamente. E, como não havia fractura de osso algum, a cura limitou-se quasi exclusivamente á grande fraqueza, motivada pelo muito sangue derramado.

Quando o ferido pôde andar, D. Julia pediu-lhe que fosse jantar e almoçar á sua casa, todos os dias.

—Ai, minha senhora, quanta bondade é a sua!

—Não ha nisso nenhuma bondade. O senhor tomará as suas refeições a horas certas, e logo depois fará algum exercicio no nosso jardim, que é vasto e com um ar mais puro do que esse que se respira nas ruas.

O ferido acceitou o offerecimento desde o dia seguinte. Mas não se limitava a passear pelo jardim; pegava da enxada e ia capinando a grama que nascia nos canteiros.

Quando se cançava deste trabalho, arrancava as flôres murchas das roseiras, e as folhas amarellecidas das plantas, distrahindo-se, assim, e empregando utilmente seu tempo.

O rosto ia-se-lhe tornando córado; e os olhos adquirindo o brilho proprio da saúde. Melhorava a olhos vistos.

Mas, não obstante, continuava triste, muito triste.

E' que lhe acudia á lembrança o dia em que, já completamente forte, teria de deixar aquella casa abençoada, onde fôra agasalhado com tanto carinho!

O coração apertava-se-lhe então, e as lagrimas molhavam-lhe os olhos.

Uma tarde, D. Julia percebendo a sua tristeza, indagou-lhe da causa.

Elle confessou tudo. Disse que sentia estar proxima a sua sahida daquelle lar feliz e caridoso, pois que precisava ir trabalhar. Que ia vêr-se só outra vez! Que já sentia as saudades da separação...

Depois de uma pequena pausa, continuou:

—Ah! como é triste esta minha vida, D. Julia!

—Tem sido então muito infeliz?

—Muito, muito. E o que mais me entristece, minha senhora, é que fui eu justamente o maior culpado de toda a minha infelicidade!

—Culpado, o senhor?! Não creio. Parece-me que isso é um pouco de exaggero seu.

—Não: não é, D. Julia. Si me der licença, eu lhe contarei um dia toda a minha vida. Mas prefiro contal-a perto das crianças. Talvez nella encontrem alguns exemplos, que lhes sirvam de lição!





O caderninho de Alvaro

A segunda lição de historia do caderninho de Alvaro dizia assim:

4— *As tribus dos indigenas viviam sempre em lucta uma com as outras.*

As suas armas de guerra eram os arcos, com os quaes arremessavam as flechas.

Os arcos eram muito parecidos a bodoques.

As flechas eram umas varas da grossura de um dedo, e tinham uma ponta de osso, que os bugres envenenavam com venenos mortaes.

Eram muito perigosas essas flechas. Si o ferido não percia do ferimento vinha a morrer do veneno que ellas continham na ponta.

Além das flechas, usavam tambem os indigenas de uns cacetes muito grossos, chamados TACAPES.

5—*Em tempo de guerra, quando uma tribu fazia prisioneiros, estes ficavam sendo seus escravos.*

Algumas tribus eram muito ferozes: devoravam os seus prisioneiros.

6—*Os indigenas eram religiosos, apesar de sua ignorancia.*

Acreditavam em um deus, muito poderoso, e a que chamavam TUPAN.

Quando trovejava, acreditavam ser o trovão um signal de colera de TUPAN.



Nota cinco!

— Cinco! Cinco! Hoje ganhei *nota* cinco! gritava a Luizinha, muito contente, entrando em casa.

E, como Paulo não tomasse parte no seu entusiasmo, Luizinha censurou-o, dizendo:

—Como você está hoje máuzinho!

Paulo, de facto, estava pensativo porque ganhára apenas uma *nota* tres, e ainda tinha de repetir o trabalho em casa, para leval-o certo no dia seguinte.

—E' a primeira *nota* cinco que eu tiro!

Ah! mas eu a mereci! continuou Luizinha muito cheia de si.

—Mas, afinal, em que lição lhe deu a mestra *nota* cinco? perguntou Paulo.

—Em geographia! Pensa que é mentira minha?

—Eu, não! Apenas penso que você a recitou de-córzinha, como um papagaio.

—Como papagaio, não senhor! Ora veja só! Porque é que você diz que eu a recitei como papagaio?! Você é que está azedo!

—Tem razão, Luizinha; estou mesmo aborrecido com esta damnada conta de

dividir, que não pude acertar na escola! Perdôe-me, sim?

—Mas, que é conta de dividir?

—Nem pergunte, Luizinha! E' uma cousa pavorosa, uma cousa horrivel, uma cousa que não tem nome, e que só serve para esquentar a cabeça á gente!

—Oh!... E' mais difficil ainda que geographia?

—Muito mais! Muitissimo mais!... Que lição foi a que você deu hoje?

—Orientação.

—Pois a orientação, perto de uma conta de dividir, é como um bombocado em comparação com uma pimenta.

Luizinha estava cada vez mais admirada!

—Orientação é muito facil: é só a gente dizer que ha quatro pontos cardeaes—*norte, sul, este e oeste.*

—Mas não foi só isso que eu disse. Eu tambem disse que o *léste*, o lugar onde surge o sol, tambem se chama *oriente* e *levante*: e o lugar, onde elle se esconde, tambem tem o nome de *poente* ou *occidente*; que quando a gente fica de frente para *léste*, o *norte* fica do nosso lado direito; e o *sul*, á esquerda.

—Pois tudo isso é muito facil. Eu sei ainda muito mais! Sei que, á noute, ou quando as nuvens occultam o sol no meio do matto, ou em lugar de onde não se possa vêr onde elle nasce, a gente consegue saber a situação do norte, do sul, do léste e do oeste.

—De que modo, hein, Paulo?

—De que modo? Por meio de um instrumento chamado bússola

—Então, você, com a bussola, podia ser um engenheiro! exclamou Luizinha.

—Qual engenheiro, nem nada! De que serviria um engenheiro, que não é capaz de fazer uma conta de dividir!

—Ah! isso é porque você já está com a cabeça quente! Vá para o seu quarto, e, bem quietinho, recomece outra vez.

O conselho produziu resultado.

Paulo acertou a divisão e, no dia seguinte, já não considerava a conta de dividir como sendo uma cousa pavorosa e horrivel!



Caderninho de Paulo

Paulo teve uma bella surpresa!

Um dia, quando abriu o seu caderninho para mostrar ao tio José as poesias que já continha, encontrou mais uma com o titulo—*Cahir das folhas*.

Fôra o Victor quem a escrevera, com a sua letra elegante e sympathica.

Paulo e tio José gostaram muito da poesia. Era do poeta brasileiro Dr. Vicente de Carvalho, e era assim:

—Deixa-me fonte! dizia
A flôr, tonta de terror;
E a fonte, sonóra e fria,
Cantava, levando a flôr.

—Deixa-me, deixa-me, fonte!
Dizia a flôr a chorar;
Eu fui nascida no monte,
Não me leves para o mar.

E a fonte, rápida e fria,
Com um sussurro zombador,
Por sobre a areia corria,
Corria, levando a flôr.

—Ai, balanços do meu galho,
Balanços do berço meu;
Ai, claras gottas de orvalho
Cahidas do azul do céu!

Chorava a flôr e gemia,
Branca, branca de terror;
E a fonte, sonóra e fria,
Rolava, levando a flôr.

—Adeus, sombra da ramada,
Cantigas de rouxinol;
Ai! festa das madrugadas,
Doçuras do pôr-do-sol!

«Caricias das brisas leves
Que abrem rasgões de luar
Fonte, fonte, não me leves,
Não me leves para o mar.»



Historia de um ignorante

III — TRISTE COMEÇO

Uma tarde, quando todas as crianças se achavam em casa, o protegido de D. Julia narrou a historia da sua vida:

—Quando eu era pequenino, disse elle, meu pae e minha mãe tinham por mim esses cuidados extremos, que todos os paes têm por seus filhos.

Meu pae era guarda-livros. Ganhava um bonito ordenado, não faltando, por isso, nada em nossa casa

Passavamos uma vida descuidosa e feliz.

Aconteceu, porém, que a minha boa mãe cahiu doente; e meu pae, que tanto se desvelava por ella, teve de gastar muito dinheiro com viagens, medicos e remedios.

E' verdade que, no fim de seis mezes, a nossa querida doente ficou completamente boa; mas, como as despezas foram muito maiores que o ganho de meu pae, ficámos cheios de dividas.

Como pagal-as?

Honesto como era, e cumpridor fervoroso de seus deveres, meu pae atirou-se

corajosamente ao trabalho, duplicando-o, triplicando-o, às vezes, afim de pagar tudo o que devia.

Desde seis horas da manhã até alta noite, descansando apenas às horas de refeição, elle estava debruçado á sua secretária, escrevendo, escrevendo ..

Nesse tempo, eu já andava na escola. Andava, é verdade, mas nunca estudava as minhas lições.

Em vez de cumprir os meus deveres de estudante, ia todos os dias, com uns moleques, que se haviam tornado meus companheiros, para o ribeirão, afim de pescar e nadar.

Meu pae, coitado, não sabia do que se passava, pois minha mãe occultava-lhe tudo, para não mortifical-o.

E fui crescendo, tornando-me rapaz sem ao menos ter aprendido a lêr!

Ha seis mezes, o excesso de trabalho levou meu bom pae ao tumulo.

Ficámos em peor situação ainda. Minha mãe.. ai, com que saudades relembro esse querido nome! .. minha mãe tomou a si a tarefa de nos sustentar! Costurava o dia todo, numa velha machina, pesada

e ruim, que a deixava horripelmente cançada! Com o alquebramento de suas forças voltou-lhe a antiga molestia, que a obrigou a recolher-se de novo ao leito!

Pobre mãe!

Tive então remorsos e vergonha da minha inutilidade.

Sahi á procura de emprego, que me dêsse a ganhar apenas o necessario para que nada faltasse á minha mãe!

Debalde! Nada consegui.

Minha mãe peiorava de dia para dia.

Recorri á Santa Casa de Misericordia.

Attenderam-me. A pobre enferma lá foi recebida.

Mas, no fim de quinze dias ella morria, tranquilla, sorrindo-se para mim, enchendo-me de caricias, perdoando, por assim dizer, áquelle que fôra uma das principaes causas da sua morte!

Desde ahi, minha senhora, fiquei sóinho neste mundo.

Historia de um ignorante

IV—NÃO SEI LÊR

— Felizmente, uma vizinha compadeceu-se de mim, e deu-me para morar aquelle quarto, onde a senhora tão bondosamente me foi buscar.

— Ricardo, disse-me ella, fui muito amiga de tua mãe. Não posso deixar-te ao desamparo. Vem morar commigo, até que te empregues e ganhes o teu sustento.

Logo que se soube da minha desventura e da boa acção que praticava a delicada amiga de minha mãe, diversas pessoas me appareceram em casa, offerecendo-me emprego.

O primeiro que me procurou foi um advogado.

— Ora, meu rapaz, não te entregues agora a desanimos! disse-me elle.

A tua infelicidade é grande, bem sei; mas por isso has de deixar-te morrer? Vamos, coragem. E' preciso que trabalhes, afim de ganhares o teu pão. Tenho um serviço facil para dar-te. Virás para meu escriptorio.

Entregarás também a minha correspondência, e farás alguns recados.

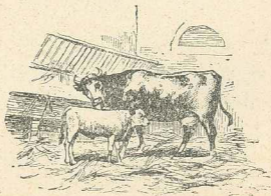
— Muito agradeço a sua bondade, doutor; fui-lhe logo respondendo, um tanto envergonhado. Mas não posso aceitar o emprego, que tão generosamente me offerece...

— Hein? Não pòdes aceitar-o! E porque? Acaso não desejas trabalhar?

— Não; não é isso. E' que eu não sei lêr; portanto, não saberia desempenhar o serviço que me propõe!

E senti um calor intenso subir-me ás faces, ao ser obrigado a declarar tal cousa!

— Ora; ora! Então não sabes lêr? Que maçada! Pois nesse caso não me serves mesmo, meu filho. Eu preciso justamente de quem saiba lêr, e muito bem. E retirou-se.



Historia de um ignorante

V. — NÃO SEI ESCREVER — NÃO SEI CONTAR

Paulo, Donato e Luizinha prestavam muita attenção ao que Ricardo dizia.

Ô rapaz continuou:

— Veiu depois o dono do Hotel da Estação.

— Eu tomo conta do orphão, disse elle á amiga de minha mãe; será um dos meus ajudantes. E' leve o serviço que lhe vou dar. Elle apenas tomará conta do livro de registro de viajantes e escreverá as despesas que elles fizerem.

— Mas eu não sei escrever! fui obrigado a dizer ainda um vez.

— Não sabes escrever?! Oh! então não me serves, meu rapaz, digo-t'ó bem constrangido. Eu desejo um empregado que saiba lêr e escrever.

Veiu procurar-me, depois, o dono de uma papelaria.

Queria-me para caixeiro, para contar resmas de papel, duzias de lapis, grozas de pennas. Prometteu-me casa, comida, e um ordenado mensal de 30\$000.

— Isso me serviria, acredite, mas...

— Achas pouco, hein?

— Não, senhor; eu é que não lhe serviria ao senhor, pois não sei fazer contas!

O homem contemplou-me com pena, e foi-se embora.

Assim, como vê, minha senhora, fui obrigado a recusar todos os empregos que me offereciam, só porque na minha infancia fui um vadio, e não aprendi a lêr, nem escrever, nem contar.

Procurei outros serviços mais grosseiros, mas sempre era dispensado por causa da minha ignorancia.

Afinal, ajustei-me como servente de pedreiro. O resultado a senhora já sabe: tive uma vertigem, quando atravessava um andaime, e fui ao chão.

Mas, Deus que não desampara quem quer ser honrado e virtuoso, guiou um anjo á minha cabeceira.

A sua caridade, minha senhora, dando-me a saúde, restituiu-me a coragem para ganhar o meu pão.

— E que pretende fazer agora? perguntou D. Julia, commovida.

— Procurar trabalho. Fico, porém, indeciso, porque não sei no que me hei de empregar.

— Pois não cuide disso ainda; talvez eu lhe consiga uma collocação.

A' tarde, D. Julia falou com o Dr. Ramos, e ficou combinado entre ambos que empregariam o rapaz, em casa, como jardineiro.

Quando D. Julia lh'o communicou, Ricardo disse:

— Mas eu nada entendo de jardim!

— Não faz mal! Meu marido entende, e o guiará naquillo que fôr preciso. Por emquanto, vá continuando a fazer o trabalho que espontaneamente estava fazendo.

QUADROS ZOOLOGICOS



O CASTOR - Mammifero roedor

Lembrança querida!

— Coitado! não, Paulo? disse Donato, afastando-se com o seu amiguinho para o quarto onde estudavam.

Paulo nada respondeu. Estava pensativo.

Recordava-se agora de uma poesia que tinha lido, havia alguns dias, em um livro, que lhe dera tio José.

Chegando ao quarto, abriu uma gaveta, tirou o livro e o seu caderninho.

Releu a poesia, e, depois, voltando-se para Donato, disse:

— Vou copiar estes versos no meu caderno. Quero lembrar-me sempre, ao lê-la, da historia que acabámos de ouvir.

E pegando na penna copiou:

Era pequeno, eu me lembro,
Era o menor dos meus manos
— Foi no dia de meus annos —
Em meados de Novembro.

Dos segredos do Alphabeto
Não tinha a menor sciencia;
Faltava-me a paciencia,
Gostava mais do suéto!

Desejava que uma fada
Daquellas da *Carochinha*,
Com a magica varinha,
Me livrasse da maçada!

Mas a fada nunca veiu;
E, afinal, eu convenci-me
Que a ignorancia é quasi um crime,
E que o crime é muito feio.

Resolvi, pois, applicar-me;
Pedi um livro de leitura,
E, para fazer figura,
Pedi-o com grande alarme!

Naquelle dia não tive
O livrinho que pedia.
Tambem, passado esse dia,
Já de outro pensar estive!

Veiu o dia de meus annos...
Dos meus paes, e dos parentes,
Esperava mil presentes,
E architectava mil planos.

Esperava a bicycleta
Que meu pae me promettêra!
Bicycleta de primeira!
Ingleza, e de armação preta!

Uma boa carabina
Para tiro de salão,
Moderna, de precisão,
Cousa boa, papa-fina!

Chegou a esperada hora. .
Os meus paes e os meus parentes
Entregaram-me os presentes. .
Lembro-me disso até agora!

Em vez de taes maravilhas,
Bicycletas, carabinas,
E mais outras cousas finas...
Recebi duas cartilhas!

Mas, não chorei; fui valente!
Mudei de vida... Em dous mezes
Soube lêr... E, muitas vezes,
Vi sorrir meu pae, contente.



Classificação difficil!

Um dia, Luizinha, de volta da escola, entrou em casa visivelmente preocupada.

A professora tinha ensinado que todos os corpos da Natureza se dividem em tres reinos: mineral vegetal e animal.

Lembrou-se da Zilda, da sua linda boneca.

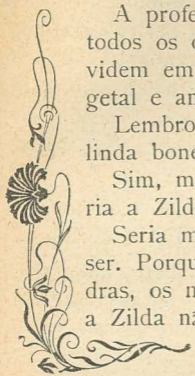
Sim, mas a que reino pertenceria a Zilda?

Seria mineral? Não; não podia ser. Porque os mineraes são as pedras, os metaes, a agua, o ar... e a Zilda não era pedra, nem metal, nem agua, nem ar!

Seria vegetal? Também não. Os vegetaes, segundo disse a professora, são plantas. Ora a Zilda em nada se parecia com uma laranjeira; nem com uma roseira; nem com os musgos, nem com as avencas, nem com qualquer outra planta.

Quem sabe se pertenceria ao reino animal?

Mas os animaes têm vida, movem-se por sua vontade, e sentem.



Zilda só sabe dizer: Mamã; e isso mesmo quando se lhe aperta a barriguinha sempre vazia; não arreda pé do lugar em que a deixam; não come... Não, Zilda também não é do reino animal.

Mas então a que reino pertenceria ella, si não havia um quarto reino?!

Felizmente o Victor, o seu irmão mais velho, entrava na occasião.

— Dize-me cá, ó Victor, a que reino pertence a minha Zilda?

— Ao reino das bonecas, com toda a certeza! respondeu o Victor, gracejando.

— Não é isso que eu quero saber; eu desejo que me digas si ella pertence ao reino animal, ou ao reino vegetal ou ao reino mineral.

Victor, pegando então na boneca, bateu-lhe com os nós dos dedos na face, e perguntou á irmã si não sabia de que substancia era feita a cara da boneca.

— Creio que é de porcellana.

— Sim, senhora, acertou. Pois a porcellana é feita de kaolim, que é um mineral. De modo que, pelas suas ricas faces, D. Zilda pertence ao reino mineral.

Vejam os agora estes cabellos. De que são feitos?

— De seda, está bem visível.

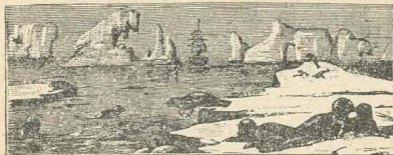
— Muito bem. Então, pelos cabellos, ella é do reino animal, porque a seda é produzida por um animal chamado—bicho da seda.

E esta taboinha que aqui está servindo de armação ao peito de Zilda, de que será? Não será de pinho? Pois o pinho vem do pinheiro, que produz o pinhão, de que tanto gostas.

A tua Zilda pertence, pois, aos tres reinos da Natureza.

Luizinha escutou com muita attenção o que lhe explicava o Victor, e, quando este terminou, ella disse sorrindo:

— Sabes de uma cousa? Estou convencida, mas bem convencidinha, de que tenho um irmão muito sabio!





Primeiro de Abril

— Escuta, Paulo, nós collocaremos a ran dentro de uma caixinha de charutos; embrulharemos depois a caixinha em um papel de seda, amarrando com uma fita, e escrevemos em cima: — Para o sr. Capitão José.

Tio José pensará que a caixinha contém charutos; abre-a para fumar um, depois do café; e a ran dará um pulo, que o assustará devêras.

Hein? serve?

— Perfeitamente! Boa idéa!

Era isto o que Paulo e Donato combinavam para pregar um logro de 1.º de Abril a tio José.

— Não sei si vocês vão proceder bem! observou Luizinha; mamãe fica zangada com certeza!

— Qual zangada! O que vamos fazer é uma brincadeira innocente, propria do dia de hoje! retrucou Donato.

— Homem, pelo sim pelo não, vamos prevenil-a, lembrou Paulo.

Consultada, D. Julia disse que não havia naquillo nenhuma falta de respeito, podendo fazer o que pretendiam. Mas que procedessem de maneira a não magoar tio José.

Póde-se brincar com uma pessoa mais velha, mas de modo que a não offenda.

— Toca então a preparar a cousa! commandou Paulo; tio José não demora por ahi!

Effectivamente, o bom do velho, depois do seu habitual passeio de todas as manhãs, costumava entrar em casa do Dr. Silva Ramos, não só para visitar os sobrinhos, como para tomar uma chicara de café, com que, a essa hora, D. Julia sempre o esperava.

Paulo e Donato sahiram correndo para o quintal, afim de irem buscar a ran, que já estava presa debaixo de uma bacia velha.

Foi bem difficil collocal-a dentro da caixa de charutos! Sempre uma perna lá lhe ficava de fóra!

Afinal, a muito custo, no meio de muita risada, conseguiram encerral-a na caixinha.

Depois, cuidadosamente envolveram a caixa num papel de seda, e a cingiram com a fita.

Quando tio José chegou, a caixa já estava sobre a mesa, no lugar que elle costumava occupar.

— Olá! então isto é para mim, Julia? foi logo perguntando á irmã.

— Creio que sim! disse, sorrindo, D. Julia.

As crianças estavam escondidas no quarto, espreitando pela fresta da porta.

— E' alguma novidade em charutos, hein?!

— Não sei! Silva Ramos deixou isso ahi e sahiu; e o diabinho do Paulo escreveu o seu nome sobre o papel.

— Pois si assim é, vou experimentar um charutinho! disse tio José, com a sua voz pachorrenta.

E, desamarrando a fita, desembrolhou a caixa, e abriu-a; mas quando levantou a tampa para tirar o charuto, a ran deu um formidavel pulo, que o fez estremecer de susto.

D. Julia ria-se, á vontade, da cara que fazia o tio José.

Entretanto, a creançada sahia do quarto, muito satisfeita, batendo palmas, e gritando em côro:

— Primeiro de Abril! Primeiro de Abril!

Tio José, sorrindo-se, bateu na testa e exclamou:

— Pois nem me lembrava da data de hoje! Ah! meus velhaquetes!



A ran

— Mas onde arrançaram vocês essa ran? perguntou, depois, tio José.

— Foi o Ricardo quem a achou no jardim. Ia matal-a, mas nós não o consentimos.

— Ia matal-a?! Matal-a porque?

— Porque é um animal repugnante.

— Ora vejam! Não, senhor, aqui não se ha de matar ran nenhuma, que eu não quero. Si ha um animalzinho util e inofensivo, é certamente esse pobre batrachio...

— Util!

— Util, sim, senhor; repito! De que é que se nutrem as rans?!

Justamente desses tantos insectos, larvas, vermes e molluscos, que vivem a roer e a estragar as plantas.

E' pois, uma excellente auxiliar dos jardineiros e dos hortelões na conservação das hortas e dos jardins. E que é que ella pede em paga de seus serviços? Nada, nada: nem ordenado, nem comida, nem roupa!

Para que matal-a, pois?

— Ricardo diz que a ran é um animal repugnante!

— Repugnante em que?! Repugnante só é aquillo que prejudica e que é pernicioso, como a mentira, a falta de asseio e a preguiça!

A ran, pelo contrario, até hoje só tem produzido beneficios ao homem.

A sua pelle, por ser muito elastica e muito contrahivel, serve de barómetro aos rusticos.

Foi estudando o seu corpo que Galvani conseguiu ter um conhecimento mais claro da electricidade, e outros sabios estudaram melhor a nossa respiração e a circulação do nosso sangue.

A medicina do povo aproveita-se della para fazer remedios excellentes. Muitas pessoas a comem e acham-na um petisco de primeira ordem.

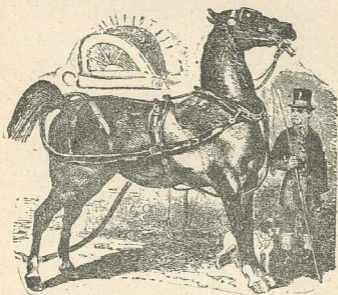
A ran, pois, foi, é, e será ainda uma das melhores amigas do homem.

Ajudou até a fazer o telegrapho e os bondes electricos! concluiu tio José, sorrindo-se do seu exaggero.

— E' uma benemerita da humanidade! confirmou o Dr. Silva Ramos, que chegava naquelle momento.

A ran, entretanto, do cantô onde se escondera, olhava para o lado das pessoas, que conversavam, com uns olhos muito abertos e muito fixos.

As creanças achavam-na agora mais symphica.





O caderninho de Alvaro

3.^a LIÇÃO DE HISTORIA — tinha escripto o Alvaro no seu caderno. E accrescentára mais este titulo: 22 DE ABRIL DE 1500.

Ao lado esquerdo desta data, via-se um chromo, muito bonito, representando cinco navios, ancorados em uma bahia. Em baixo da data vinha escripto:

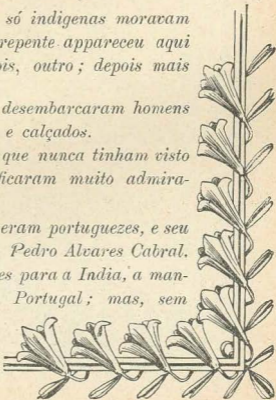
7 — *Ha 403 annos, só indigenas moravam no Brasil. De repente appareceu aqui um navio; depois, outro; depois mais outro.*

Desses navios desembarcaram homens brancos, vestidos e calçados.

Os indigenas, que nunca tinham visto homens assim, ficaram muito admirados.

Esses homens eram portuguezes, e seu chefe chamava-se Pedro Alvares Cabral.

Navegavam elles para a India, a mandado do rei de Portugal; mas, sem o querer, vieram parar ao Brasil.



8 — *Naquelle tempo, quem descobria uma terra, ficava sendo seu dono.*

Pedro Alvares Cabral era portuguez. O Brasil ficou, por isso, sendo de Portugal.

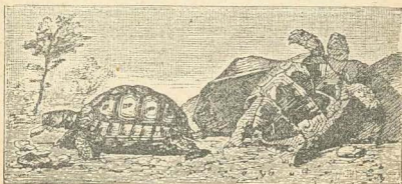
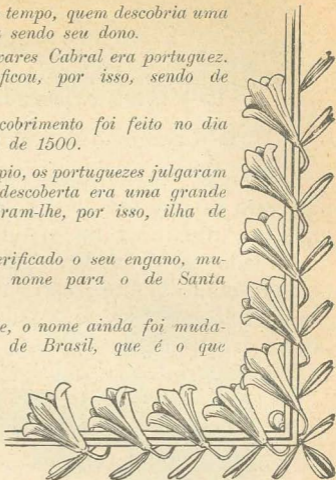
O seu descobrimento foi feito no dia 22 de Abril de 1500.

9 — *A principio, os portuguezes julgaram que a terra descoberta era uma grande ilha; chamaram-lhe, por isso, ilha de Vera-Cruz.*

Depois, verificado o seu engano, mudaram esse nome para o de Santa Cruz.

Mais tarde, o nome ainda foi mudado para o de Brasil, que é o que perdura.

Brasil é pois, o nome de nossa patria.



As historias da vovó

A JOIA MAGICA

— Ea vovó que anda agora muito preguiçosinha! exclamou a Luizinha uma noite, depois do chá.

— Menina! advertiu D. Julia, reprehendendo-a.

— Eu não disse isto por mal, mamãe! E' que a vovó não quer mais contar aquellas bonitas historias, que nos contava o anno passado.

— E' porque vocês não me procuram mais! disse a vovó. Agora só vivem a falar de botanicas, zoologias, geographias, e não sei mais que diga. Si se chegassem um pouco mais para mim, é claro que eu não interromperia as historias que estão a reclamar.

— Prompto! Já estou bem chegada! disse Luiza, com ar brejeiro, levando a sua cadeirinha para bem perto da vovó.

Paulo e Donato fizeram o mesmo.

— Aduladores! exclamou a boa velhinha, rindo-se da graça das creanças. Pois bem, vou contar uma historia, mas é só uma! Não me peçam mais!

— Não pedimos mais, não senhora! exclamaram os tres, em côro.

— Então, escutem lá.

E a vovó começou a contar a historia da *Joia Magica*, dizendo que havia uma terra em que a vida era muito difficil.

Raios, chuvas, terremotos, guerras, pestes, continuamente açoutavam essa terra, prejudicando a vida e o bem estar de seus habitantes.

Essas calamidades todas eram, porém, vencidas pela virtude de uma joia magica, um verdadeiro talisman, que um anjo deixava no berço de cada um, por occasião do nascimento.

A joia afugentava todos os males.

Para quem a possuia e a guardava com carinho e amor, tudo corria ás mil maravilhas: suas colheitas amadureciam depressa; seu commercio prosperava; seus negocios melhoravam de dia para dia; e, quando chegava a velhice, esta era sempre calma e feliz, como todos a desejam ter.

Mas, ai de quem perdia a tal joia, ou não a estimava bastante.

Tudo lhe corria ás avessas. Não conseguia ter amizades; não tinha, durante a vida, nem tranquillidade, nem felicidade.

— O que, porém, é mais interessante, continuava a vovó, é que milhares e milhares de pessoas, ainda hoje, não obstante conhecer as virtudes da joia magica, as desprezam, e assim procuram soffrer por sua propria culpa! E querem vocês saber onde é esse paiz?

— Queremos! Queremos!

— Pois esse paiz é este mundo em que vivemos.

— Este mundo?! Mas eu nunca recebi joia nenhuma, vovó, e eu nasci neste mundo! observou Paulo.

— E eu digo que recebeste...

— Então, que é della?

— Está ahi, no teu coração. A joia, de que eu falo, é composta de diversas substancias preciosas, que reunidas e combinadas, produzem todas as virtudes.

As substancias preciosas são o trabalho, a perseverança, a honradez e a economia. Combinadas, formam o talismam que dá todas as felicidades, e que se chama FIRMEZA DE CHARACTER.

Muita gente cuida que o possui, mas é claro que se engana, porque faltando uma só das substancias, a joia fica imperfeita, e, portanto, incapaz de produzir todas as suas virtudes.

— Fica uma joia falsificada! observou Donato.

— E' isso mesmo: fica uma joia falsificada! concordou a vovó.



Duas novidades

Paulo esteve de cama tres dias.

Quando voltou á escola encontrou duas novidades: um novo alumno na classe, e o Zuzú suspenso por cinco dias.

Como sabia que não se deve conversar na classe, durante as horas de aula, esperou o recreio para perguntar ao Alvaro o que havia acontecido.

— Pois o Zuzú foi suspenso porque deu uma risada.

— Porque deu uma risada? Não comprehendo! Quantas vezes nos temos rido, sem que a professora nunca nos suspendesse?!

— E' verdade; a propria professora nos tem feito rir muitas vezes, contando historias engraçadas. Mas, aqui, o caso é diferente. O Zuzú riu-se quando não deveria rir.

— Então, fez papel de bobo!

— Fez peor; fez papel de mau.

— Conta-me isso.

— Pois ante-hontem entrou na escola o Antonio Fabiani...

— Antonio Fabiani?!

— Sim, o alumno novo, filho de um encadernador italiano. A professora dava uma lição sobre os vertebrados. Sabes tu o que são vertebrados?

Paulo fez um signal com a cabeça, dizendo que não.

— Vertebrados são animaes que têm esqueleto osseo interior. Chamam-se vertebrados por ser a parte principal do seu esqueleto uma columna formada de vertebrae.

— Mas que têm os vertebrados com a pena que o Zuzú soffreu?



— Espera. A professora explicava que os vertebrados se dividiam em cinco classes: Mamíferos, aves, reptis, batrachios e peixes; e mostrava as estampas de cada uma das classes...



— Mostrou a ran também?

— Mostrou. Depois de ter explicado bem, a professora fez perguntas a cada um de nós, para ver si haviamos comprehendido. Ao Antonio Fabiani ella perguntou:

— Em quantas classes se dividem os vertebrados?

O Fabiani ficou quieto. Ella pensou que era por acanhamento que o italianozinho não respondia, e disse-lhe:

— Lembre-se dos dedos de sua mão. Quantos dedos tem você na mão direita?

— Quatro; respondeu Fabiani.

— Como quatro?! Levante a mão para eu vêr.

Elle levantou a mão e todos nós vimos que, effectivamente, a sua mão só tinha quatro dedos.

— Pobre creança! exclamou a professora, afagando-lhe a cabecinha.



Nesse mesmo instante ouviu-se uma gargalhada.

Fôra o Zuzú quem a dera.

A professora ficou córada. Via-se que estava sériamente indignada.



Immediatamente escreveu algumas palavras em um papel, e mandou um alumno leval-o ao Director, acompanhado do Zuzú.

O Director fez-lhe comprehender a acção vil que practicára, e disse que quem zomba dos defeitos phisicos dos outros, mostra ter máu coração. E suspendeu o Zuzú por cinco dias.

— Pobre Fabiani!

— Pobre Zuzú! digo-te eu.



Um conselho

—Olha, Paulo, eu hontem estava com muita dôr de cabeça, na aula de Historia, eu não sei si foi isto mesmo o que a mestra explicou.



Alvaro, dizendo isto, entregava a Paulo o resumo, que fizera, da lição da vespera, para copial-o depois.

Podia ser que não tivesse comprehendido alguma cousa, e, cuidadoso como era, não queria escrever algum erro no seu bello caderninho.

Por isso veiu consultar o Paulo.

Paulo leu-o com muita attenção, e achou tudo certo, exactamente como a professora tinha explicado.

Alvaro agradeceu-lhe, e correu para casa para o copiar. Era a 4.^a lição. Dizia assim:
10 — O rei de Portugal, que nesse tempo era D. Manuel, ficou muito contente

com o descobrimento de Pedro Alvares Cabral.

E, para que todos ficassem sabendo que o Brasil já pertencia a Portugal, mandou communicar o facto a todos os outros paizes.

11—*Depois, vieram diversos navios portuguezes, para melhor conhecerem o Brasil. Os portuguezes, a principio, foram muito bem tratados pelos indigenas; depois começaram os indigenas a atacal-os, e a destruir-lhes as casas e as plantações que aqui faziam. Por esse motivo os portuguezes encontravam muita difficuldade para estabelecer e manter as suas povoações.*

12—*Uma vez um navio portuguez naufragou perto do lugar onde é hoje a cidade da Bahia. Os marinheiros, que nadaram para terra, procurando salvar-se, foram devorados pelos TUPI-NAMBÁS.*

Um delles, porém, chamado Diogo Alvares Corrêa, conseguiu trazer consigo um mosquete, (espingarda antiga) e com elle matou uma ave.

Os indigenas nunca tinham ouvido um tiro. Ficaram muito admirados, e pensaram que aquelle marinheiro era um deus, sahido das aguas, e que tinha o poder de despedir raios.

Não o mataram, por isso; e deixaram que elle vivesse entre os da sua tribu.



Donato como mestre

Havia quasi um mez que Donato e Paulo tinham tomado a si a tarefa de ensinar a lêr ao Ricardo, cujo trabalho de jardineiro não lhe permittia frequentar a escola.

A aula era no caramanchão, á tarde, depois do jantar, e quando Ricardo já tinha regado todos os canteiros.

Donato ensinava a lêr e a contar.

Paulo, de seu lado, explicava as lições de botanica e zoologia, á medida que as ia aprendendo na escola.

Não tinha muito geito para ensinar; mas, assim mesmo, Ricardo aprendia depressa.

Já havia chegado ás ultimas paginas da Cartilha.

E' verdade que esse resultado era antes devido ao esforço do alumno do que á habilidade dos mestres.

Ricardo não perdia um momento desaproveitado. O tempo vale ouro, dizia comsigo.

Quando o sol estava muito quente, elle se acolhia á sombra de qualquer arvore, e, encostando-se ao seu tronco, cartilha

aberta na mão, com os dedos grossos e rudes ia apontando, syllaba por syllaba, as palavras do livro, e dizendo, numa voz grossa e firme:

A gal-li-nha—A gallinha... e... o... pinto—A gallinha e o pinto

E assim, com enorme esforço, lia a pagina inteira, de principio a fim.

Em um mez conseguira o que não pudéra conseguir em toda a sua infancia!

Eis mais um edificante exemplo do poder da perseverança e da força de vontade.

Naquella tarde ia Ricardo aprender a traçar o seu nome.

Donato já lhe tinha ensinado a escrever todas as letras do alphabeto. Faltava ensinar-lhe a juntal-as, na formação de syllabas e de palavras.

Depois do jantar, Paulo e Donato dirigiram-se para o caramanchão, onde havia uma mesa redonda de ferro.

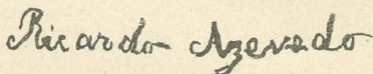
Ricardo, como sempre, deu a sua lição sem errar uma só palavra!

— Muito bem, Ricardo, disse Donato; vamos agora fazer a escripta.

E, tomando uma folha de papel, escreveu o nome de Ricardo, mandando-lhe que o copiasse muitas vezes.

Ricardo com uma atenção extraordinaria, devagarinho, meio desageitado embora, foi copiando, traço por traço, as letras todas que formavam o seu nome, e, meio envergonhado, porém satisfeito de sua victoria, entregou a Donato o resultado do seu esforço.

Era esta a letra:



Ricardo Azevedo

Não poderia ter feito melhor. Seus dedos, callejados e duros pelo trabalho rude da enxada, não lhe permittiriam.

Mas aquellas simples garatujas eram muito expressivas: — diziam que Ricardo possuia a *joia magica*, a que se referia a historia contada pela vovó.



Caderninho de Paulo

CANTO DA MOCIDADE

Nas campinas verdejantes,
Da manhã ao pôr do sol,
Vejo flôres tão brilhantes
Como a côr de um arrebol.

Vejo, á noute, mil estrellas
De um encanto que seduz;
Não me canço, não, de vê-las,
De gozar de sua luz.

Dia e noute o mundo encerra
Mil bellezas ideaes;
Só descubro, sobre a terra,
Risos, flôres, nada mais.

E', por certo, a mocidade,
Que transforma tudo em mim;
Quem me déra que esta edade
Não tivesse nunca fim.

Azedo e amargo

Paulo apromptava-se para ir á escola. D. Julia, que o observava, achou-o um tanto pallido e com olheiras.

Examinou-o mais attentamente:

Os olhos estavam amortecidos; a testa, quente; e a lingua, suja, de uma côr pardacenta, parecia pegajosa.

— Estás doente, meu filho? perguntou.

— Não sei, não, senhora. Desde hontem que eu sinto a cabeça pesada; e esta noute sonhei muito.

— Bem. Não irás hoje á escola.

— Mas isto não é nada, mamãe.

— Anda; guarda os teus livros. Estás doente, e eu quero que teu pae te examine, logo que chegue.

Quando o Dr. Silva Ramos entrou em casa, D. Julia pediu-lhe que examinasse Paulo.

Elle examinou-o minuciosamente e mandou que se deitasse.

— E' alguma cousa muito grave? perguntou, cuidadosa, D. Julia.

— Não; não é nada. Mas na cama ficará melhor do que a andar a correr pela

casa; principalmente hoje, em que deu provas de tão pouco juizo.

Paulo abaixou a cabeça.

Donato e Luizinha tinham ficado á espera de Paulo.

— Que é que o senhor fazia hontem no pomar? perguntou depois o Dr. Silva Ramos.

— Eu? Nada, papae!

— Nada, hein? E os pecegos? Quantos pecegos comeu o senhor?

— Eu comi mui poucos, papae.

— Ahi está. Eu bem o vi. Depois do jantar, tu foste ao pecegueiro e comeste cinco ou seis pecegos verdes, duros, detestaveis. Não sei que prazer encontras no comer fructas assim! E ainda que fossem agradaveis, sabias muito bem o mal que causa uma fructa verde. Quantas vezes tenho eu dito que só debes comer as que estiverem bem maduras!

Paulo estava muito desapontado.

O Dr. Silva Ramos continuou:

— Foi uma gulodice tua. A gulodice é um vicio, e, como todos os vicios, faz-nos esquecer as mais triviaes obrigações. Tu, que tanto caçoavas de Luizinha no anno

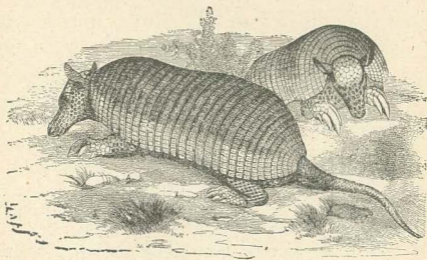
passado, por ser gulosa, acabas de commetter a mesma falta! A consequencia eil-a ahi: por causa de cinco pecegos, perdes um dia de aula, e o que é peor, ficas doente!

Vae deitar-te, anda, que eu já te mando um remedio para tomares.

Luizinha e Donato, vendo que Paulo não os acompanhava, foram-se sósinhos para a escola.

Paulo recolheu-se á cama, fazendo caretas só com o pensar no remedio que teria de tomar.

Lembrou-se de oleo de ricino e sal-amargo..



Uma lição de hygiene

Tio José soube que Paulo estava de cama, e, á tarde, veiu visital-o.

Paulo contou-lhe tudo: era franco, não sabia mentir.

Tio José, não obstante, franziu a testa, mostrando não ter gostado da noticia.

Depois de alguns momentos de silencio, disse ao sobrinho:

— Perdeste o dia escolar de hoje. E' justo que aprendas ao menos uma lição. Escuta:

Uma de nossas obrigações é cuidar de nossa saúde, e fazer tudo o que fôr possível para nos tornarmos robustos e fortes.

Para isso, temos de ser comedidos no comer e no beber. Comer de mais é sempre prejudicial. Beber de mais, nem se fale; além de estragar o estomago, transforma um homem num verdadeiro animal, inconsciente e repugnante.

Ninguém se arrependeu ainda de comer pouco ás refeições. Entretanto, milhares de pessoas, ou antes, milhões e milhões, têm-se arrependido de comer além da conta!

Para se ter saúde, é mistér attender-se á quantidade e á qualidade do que se come.

Ha alimentos que são verdadeiros venenos: um exemplo ahi tens nos pecegos verdes.

Si, em vez de cinco ou seis, tivesses comido dez ou doze, talvez a esta hora estivessemos tratando mas era do teu enterro!

Ha uma sciencia, que todos devemos conhecer, e que nos ensina a maneira pela qual podemos manter a nossa saúde: é a hygiene!

A hygiene ensina-nos que a saúde depende de:

Comer com moderação;

Respirar um ar puro, oxygenado;

Fazer exercicios corporaes;

Dormir a horas certas, e durante 9 horas no maximo;

E conservar o corpo escrupulosamente limpo.

Pensa nestes cinco preceitos da hygiene, e cumpre-os, que eu garanto que chegarás forte e sadío á idade deste teu creado, que não inveja, graças a Deus, a saúde de muitos moços que por ahi se gabam de vigorosos!



O caderninho de Alvaro

A 4.^a LIÇÃO

13—*Trinta e dous annos depois de descoberto o Brasil, o rei de Portugal tratou de povoal-o.*

Com esse fim, mandou muita gente para aqui. Os primeiros homens que vieram colonisar o Brasil, foram trazidos por Martim Affonso de Souza.

14—*Martim Affonso desembarcou em o lugar onde é hoje a cidade de Santos, no Estado de S. Paulo.*

Ahi começou a formar uma povoação, que se chamou villa de S. Vicente e que ainda hoje existe.

15—*Ao chegar a S. Vicente, Martim Affonso de Souza receou ser atacado pelos indigenas.*

Mas não o foi, entretanto: ahi encontrou um portuguez, chamado João Ramalho, casado com uma filha do cacique Tibiriçá.

16—*João Ramalho tornou-se um amigo de Martim Affonso, e fez que os indigenas o ajudassem, em vez de o guerrearem.*

Foi assim que Martim Affonso pôde construir, sem luctas, a sua villa.

Depois João Ramalho conduziu os portuguezes aos campos de Piratinin-ga, onde Martim Affonso fundou uma povoação, a que denominou Santo André.



Zuzú

Zuzú era peralta, sim: mas tinha bom coração.

Tinha um bom coração dirigido por uma cabeça má: eis o que era.

Comprehendia com facilidade as lições todas; mas, estava tão viciado no brincar, que era com verdadeiro sacrificio que se conservava sério, ás vezes, por cinco minutos.

A professora reprehendia-o; castigava-o mesmo, mas em vão.

De vez em quando lá lhe escapava a pilheria.

Era um verdadeiro palhaçozinho.

Perturbava constantemente aos companheiros. Não que o fizesse de proposito; mas, como se ria de tudo, e em tudo achava graça, ninguem podia trabalhar junto d'elle.

Por mais de uma vez perderam a paciencia com os seus brinquedos; mas Zuzú pedia desculpas, com tanto espirito, e fazia uma cara tão gaiata, que a zanga acabava em risos, e ninguem lhe guardava rancor.

Quando terminou a pena de suspensão, Zuzú apresentou-se na escola com um ar mais sério; parecia triste. Tinha resolvido corrigir-se e mudar de vida.

A primeira cousa que fez, foi procurar o Fabiani, o alumno a quem offendera involuntariamente, e pedir-lhe que desculpasse.

Até á hora do recreio comportou-se muito bem.

A propria professora notou-o; e, de uma vez que passou junto de sua carteira, pousou-lhe bondosamente a mão sobre a cabeça.

No recreio, Zuzú não quiz brincar. Recusou teimosamente o convite que Alvaro e Carlos lhe fizeram para jogar uma partida de barra. Não queria mesmo brincar. E para o não aborrecerem mais, subiu aos galhos de uma figueira, que havia num canto do pateo do recreio. Subiu e escondeu-se entre a densa folhagem.

A professora, porém, tinha-o avistado.

Era prohibido subir ás arvores, e Zuzú havia de novo incorrido em castigo.

Ella teve pena de Zuzú, e para não ser obrigada a castigal-o, fez que o não viu.

Mas, chamando Donato, pediu-lhe para aconselhar ao Zuzú que descesse da figueira.



Donatinho

Donatinho correu a chamar o Zuzú.

Chegou perto da figueira, e, olhando para cima, gritou com voz imperiosa:

— Desça dahi, Zuzú!

Zuzú fingiu que o não ouvira.

— Desça, ande! repetiu Donato

— Ora, vocês me chamam macaco. Quero mostrar que sou mesmo um bom macaquinho! respondeu Zuzú, fazendo caretas, mas sem arredar do galho em que estava.

— Não quero saber de nada! P'ra baixo, já! ande! Eu tenho ordem de fazer você descer dahi. Si não fôr por bem, será á força!

Donato não tinha ainda perdido os seus modos valentões e imperiosos. Quando queria qualquer coisa esquecia-se até das regras da boa educação.

— E si eu não quizer descer, que é que você me faz?

— Que é que faço? Atiro-lhe pedras, ora esta! Mas, chega de prosa; ande, desça, já disse.

— Cruzes! Com pedras não quero eu graças! A gente é capaz de ficar com a cabeça esburacada! Espere, que já lá vou descendo.

E abraçando-se ao tronco da figueira, Zuzú deslisou até ao chão.

A professora não perdera, porém, uma palavra daquella scena.

Chamou Donato e disse-lhe:

— Não mais o encarregarei de nada, Donato. Você mostrou-se neste momento muito grosseiro. Si eu não fui pessoalmente obrigar o Zuzú a descer da figueira, foi para evitar-lhe o desgosto de mais uma reprehensão. Entretanto, você tratou-o como se trata a um moleque. Eu disse-lhe que ACONSELHASSE Zuzú, e nunca que o maltratasse!

— Mas elle não queria descer!

— E' porque você não pediu attentiosamente e sim exigiu, MANDOU descortezmente. Ora, você não tem direito de mandar, e ainda que o tivesse, uma ordem qualquer dada não dispensa a cortezia e a delicadeza.

A polidez é propria da boa educação. Ninguém se arrepende nunca de ser delicado. Experimente e verá.

Mata-mouros...

Contaram ao Paulo a aventura de Donato com o Zuzú.

Paulo resolveu então dar um golpe profundo nas basofias de valentão do seu amiguinho!

Aquillo era muito feio!

Mas como havia de ser?

Pensou um instante... Não descobriu nenhum meio.

Consultou tio José, que estava sentado à mesa da varanda.

O bom do velho também se poz a pensar. De repente, tirou um lapis do bolso e escreveu esta poesia:

Mata-mouros...

Sou robusto, sou valente,
Jámais soube o que era medo!
Quando brigo, estou contente,
E lucto, até, por brinquedo!

As minhas grandes façanhas
Não ha ninguem que as refira!
São aventuras tamanhas
Que até parecem mentira!

Já matei treze elefantes,
Setenta e sete leões;
Treze sucuris gigantes;
Sete ou treze tubarões!...

Certa vez, numa floresta
Da fazenda do papá,
Eu vi, por entre uma fresta
De um alto jequitibá,

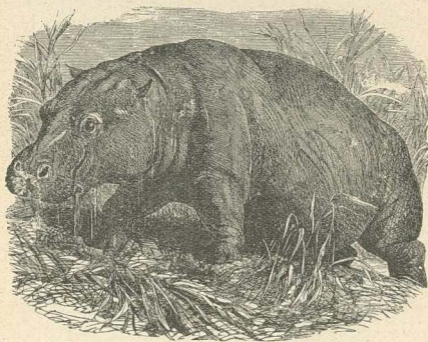
Uma onça vir para mim!
Eu não arredei um passo!...
Ella atacou... Fiz assim...
E a bicha enguliu meu braço!

Mas, ai! não lhes conto nada!
Quando o puxei para fóra,
Do avesso ficou virada
A féra, sem mais demora!...

Sou valente como um touro!
Minha coragem assombra!
Si alguém me faz desaforo,
Corro-o só com a minha sombra!

Tio José mandou que Paulo copiasse a poesia e a pregasse à capa do livro de leitura de Donato.

Donato, quando a leu, ficou muito vermelho, mas, achando-lhe graça, desatou a rir.



O caderninho de Alvaro

- 17 — No anno de 1549, o rei de Portugal mandou Thomé de Souza, como governador geral, tomar conta do Brasil.



Thomé de Souza fundou então a cidade de São Salvador da Bahia, que ficou sendo a capital do Brasil.

- 18 — Thome de Souza era muito energico, muito justo e bom.

Conseguiu que os colonos não mais maltratassem os indigenas.

- 19 — Em companhia de Thomé de Souza vieram seis padres jesuitas, para o fim de ensinar os indigenas.

Esses padres fundaram as primeiras escolas do Brasil.

- 20 — Depois de Thomé de Souza vem Duarte da Costa como governador geral.

21 — Depois de Duarte da Costa veio Mem de Sá.

Durante esse tempo o Brasil prosperou muito.

Começou-se a criação de gado, plantou-se muita canna e fizeram-se engenhos para fabricar assucar.



Poder da vontade

Ricardo esperava Donato e Paulo no caramanchão.

Com a molestia de Paulo, e devido a outras causas, passaram-se quinze dias sem haver aula.

Ricardo, porém, não perdera seu tempo. Estudára, estudára, durante o dia, nos momentos em que descansava dos trabalhos de jardineiro; e, á noute, até altas horas.

As lições de Paulo e Donato já não serviriam de nada. Estava muito mais adeantado que os seus pequenos mestres.

Naquelle dia, esperava os meninos para agradecer-lhes os bons serviços que lhe tinham prestado, e para propôr o encerramento da escola do caramanchão.

Sobre a mesa de ferro via-se um lindo ramalhete de rosas, cravos e camelias; e, ao lado, uma penca de appetitosas laranjas.

Ricardo colheu-as para as offerecer aos seus generosos amiguinhos.

Quando Donato e Paulo entraram no caramanchão, Ricardo expoz-lhes delicadamente, commovido, a razão por que, dalli em diante, dispensava as suas aulas e disse:

— Para uma creança, que começa a andar, o primeiro passo é sempre o mais difficil. Depois, ella perde o medo e, cahindo aqui, levantando acolà, anima-se a andar, sósinha, sem mais auxilio que o do poder de sua vontade. Assim fui eu na minha primeira instrucção. Precisei de um primeiro guia. Tive, porém, dous, aliás tão generosos e pacientes! Vós dous me destes o primeiro impulso. Agradeço-vos do fundo de minh'alma.

Depois, fui caminhando sósinho e depressa. Emquanto ieis para vossa escola, eu lia, lia, em dous livros ao mesmo tempo: no livro impresso, que o Capitão José me deu, e neste grande livro da Natureza, chamado jardim e pomar.

Cada planta aqui é minha companheira e mestra ao mesmo tempo.

Aprendi muitas cousas com ellas.

Sei como germinam; como respiram; como circula a seiva que lhes dá a vida; como se reproduzem; como se lhes formam as folhas; como lhes desabrocham as flôres; como lhes nascem os fructos. E, sei mais ainda, sei que a gente deve ser grato

àquelles que nos fazem bem. Tudo isso foram ellas que me ensinaram.

Paulo e Donato olhavam surprehendidos e admirados para Ricardo.

Pegando no ramalhete e na penca de laranjas, Ricardo offereceu-os aos meninos, accrescentando:

— Estas flôres e estas laranjas... acceitae-as como um signal de minha gratidão para convosco. Foram tambem um signal de gratidão das plantas para commigo.

Quando estavam mirrando pelo calor e pela secca, reguei-lhes eu as raizes. Pouco tempo depois, desabrochavam alegres as suas flôres, e amadureciam os seus fructos como si me agradecessem o beneficio que eu lhes prestára.

Acceitae-as, pois, meus dous bons e caridosos meninos; representam a gratidão daquelle a quem tambem fizestes desabrochar a intelligencia e, com ella, o coração.



Historia da vovó

UMA ACCÃO VIRTUOSA

Praticar o bem, é facil; mas sacrificar-se uma pessoa, e soffrer, com o fim unico de fazer bem aos outros é cousa de muito maior merito.

Vocês fizeram um grande beneficio ao Ricardo, não ha duvida; mas escutem lá esta historia.

Uma senhora rica dedicava-se muito a soccorrer os pobres.

Tanta esmola deu, tanta miseria acudiu com a sua bolsa caridosa, que um dia veiu afinal a ficar pobre.

Mas não esmoreceu.

Não tendo mais dinheiro de seu para dar, recorreu ás suas amigas.

Um dia dirigiu-se á casa de uma amiga, senhora rica, mas de genio muito frenetico, e pediu-lhe um auxilio para uma familia, que estava em completa miserla.

— Hoje não tenho, respondeu-lhe a amiga, com maus modos.

— Ora, reflecta bem; pense nas pobres creancinhas, que estão a chorar com fome! retrucou-lhe a outra.

— Já lhe disse que não tenho!

— A mãe está de cama, sem medico e sem remedios!

— E isso que me importa?!

— A infeliz está morrendo sem soccorro algum!

— A senhora é que me está fazendo morrer de impaciencia, respondeu-lhe a rica, entrando para a sala.

A outra seguiu-a, dizendo:

— Consulte o seu bom coração! Compeça-se da triste situação desses pobres.

— Retire-se daqui! E' de mais! Não posso aturar a sua impertinencia!

— Não, minha amiga, não sahirei, enquanto não me der uma pequena esmola para os infelizes.

— Ah! quer mesmo que lhe dê alguma cousa para os taes infelizes? Então, tome...

E deu uma bofetada no rosto da boa senhora.

Esta, com uma voz carinhosa, virou-se para a sua amiga e disse:

— Bem; a bofetada foi para mim. E para os meus pobres, não dá cousa nenhuma?

A estas palavras, a senhora frenetica comprehendeu finalmente a grandeza d'alma

de sua amiga. Poz-lhe nas mãos algumas notas, dizendo:

— Isso é para os seus pobres, que agora serão meus também. E para mim, não me dará a senhora uma esmola do seu grande coração? Não me perdôa?

Um abraço foi a resposta.

E ella, apertando-a em seus braços, beijou com o maior affecto e respeito aquella mesma face que momentos antes insultára com a bofetada.



A merenda

Todos os dias, enquanto os filhos almoçavam, D. Julia apromptava-lhes as merendas, que collocava na cestinha de cada um para levarem para a escola.

Umaz vezes eram pasteis; outras, biscoitos de trigo, fructas bem madurinhas, doces, etc.

Certo dia Paulo viu que sua mãe ia collocar uma maçã em cada cestinha.

— Ponha duas na minha, mamãe.

— Que guloso! Já te esqueceste da indigestão de pecegos?

— Não, mamãe; não é por gulodice.

— Eu sei que não é por gulodice: é só por muita vontade de comer!... disse, sorrindo, D. Julia.

— Tambem não é. Eu lhe explico a razão. O Alvaro costuma levar pão sómente. Eu queria dar-lhe essa maçã. Não faço bem?

— Certamente. Todas as vezes que mostrares bom coração, eu direi: — apoiado!

Quando começaram as aulas, Paulo teve o desgosto de verificar que Alvaro havia faltado.

Que teria acontecido? Alvaro nunca deixava de ir á escola!

Algum caso de molestia, talvez!

Paulo ficou devéras aborrecido, pois estimava muito aquelle colleguinha.

Chegou a hora do recreio.

— A quem darei a outra maçã? pensou.

Lembrou-se do Zuzú. Ora! Zuzú na vespera estivera tão aborrecido que não queria brincar! Não; Zuzú não petiscaria a maçã. Teve então uma lembrança.

Subiu a um banco; bateu palmas para attrahir a attenção dos collegas, e disse em voz alta:

— Vejam esta maçã! Vou jogal-a para o ar. O mais experto que a pegue!

E accrescentou aos que ficaram attentos, á espera:

— E' de quem pegar! Um... dous... tres...

E atirou a maçã.

Os meninos de braços levantados, numa gritaria infernal, esperaram a maçã ao cahir; mas, pela precipitação, ninguem a pegou no ar, amontoando-se todos sobre o lugar em que ella tombára.

Cahiram uns sobre os outros, numa confusão medonha, disputando a maçã a sôcos, puxões, empurrões e pontapés.

Pareciam formigas sobre um pedaço de assucar !

Paulo ria-se da pilheria.

Quando um, mais feliz, se apossou da maçã, todos se levantaram limpando as vestes, sujas de terra.

Um dos meninos, porém, estava com o rosto ensanguentado.

Era o Zuzú.

Paulo correu para elle, perguntando com interesse si se tinha machucado.

— Ora; isto não é nada! respondeu Zuzú: é apenas um arranhãozinho!

Nesse instante o continuo desceu a escada e chamou Paulo, dizendo que o Director queria falar-lhe no gabinete.



Paulo no gabinete

Paulo entrou no gabinete.

Estava muito envergonhado.

Era a primeira vez que lhe acontecia aquillo.

O Director, com um gesto, mandou-o sentar-se em uma cadeira, enquanto conversava com uma senhora pobremmente vestida.

— Sinto muito, minha senhora, dizia o Director,—porque o Alvaro é um dos melhores alumnos da escola.

Paulo, ao ouvir o nome do amiguinho, prestou maior attenção á conversa; tanto mais que reconheceu na senhora a mãe de Alvaro, a quem já vira uma vez, no Passeio Publico, em companhia do filho.

— Pois elle lá ficou chorando em casa, retorquiui á senhora; não houve meio de fazel-o vir. Nunca chegára tarde á escola; e por isso não queria passar hoje por essa vergonha!

— Vergonha foi ter feito o que fez.

— O senhor lhe desculpará, não é verdade?

— A falta não foi commettida aqui, minha senhora; não tenho, pois, que desculpar-lh'a, assim como também não poderia castigal-o. Compete á senhora, ou melhor, a elle mesmo, remediar o mal que praticou, afim de não desmerecer do bom conceito de que gosa.

A senhora despediu-se e sahiu.

Paulo reparou que os seus olhos estavam humidos.

— Agora nós, senhor Paulo, disse o Director, logo que os dous ficaram sós.

Paulo levantou-se e approximou-se da mesa, dizendo:

— Não foi nada, sr. Director: o Zuzú teve apenas um pequeno arranhão.

— Sim, não ha duvida que o arranhão de Zuzú foi pequeno; mas o arranhão que o senhor fez na disciplina da escola é que foi muito grande, e é desse que eu quero falar-lhe.

Fique sabendo que praticou uma acção censuravel por muitos motivos.

Sem ordem, nada progride.

Sem ordem, ninguem pôde trabalhar nem em casa, nem nas officinas, nem no campo, nem nas escolas.

O senhor, com o seu procedimento, provocou justamente uma verdadeira desordem. Não reparou que até os meninos educados e de comportamento exemplar se metteram no meio do barulho?

Quem foi o causador de tudo isso?

Foi o senhor, com a sua maneira imprudente de offerecer maçãs.

E quem a ganhou?

Exactamente o mais audaz, o mais abruptalhado; e não aquelle que a merecesse por ter coração generoso, ou por qualquer outra nobre qualidade.

Eis ahi o que fez o senhor.

Póde retirar-se para a sua classe. Por hoje é apenas este o seu castigo, porque é a primeira vez que o faço vir a minha presença.

Espero que não terei de reprehendelo nunca mais.



O caderninho de Alvaro

22—*Nos sertões do Brasil havia muitas minas de ouro e de diamantes.*

Para ir descobri-las e explorá-las, os paulistas reuniram-se em grandes bandos.

Esses bandos de homens chamavam-se BANDEIRAS.

Por isso, os paulistas, que formavam as BANDEIRAS, tinham o nome de bandeirantes.

Em suas excursões, à procura de ouro, os bandeirantes tinham de lutar, muitas vezes, com os indígenas e os animaes bravios.

Mas, quasi sempre sahiam vencedores.

Quando conseguiam descobriral guma mina, todo o mundo accorria para tambem explorá-la.

Quando a mina era muito rica de ouro, a concorrência era tão grande, que provocava questões e brigas entre os exploradores.

Os colonos portuguezes tambem imitaram os paulistas na exploração do ouro.

Os paulistas não gostavam dos portuguezes, e, por isso, para ridicularisalos, chamavam-lhe EMBOABAS.

24—*Entre portuguezes e paulistas, houve certa vez uma grande lucta por causa de uma mina, que estes tinham achado. Morreu muita gente nesta lucta, que se ficou chamando GUERRA DOS EMBOABAS.*



Caderninho de Paulo

A MADRUGADA

A terra dorme encoberta
Por um funebre capuz;
Quando a alvorada a desperta
Dando-lhe um beijo de luz,

Retira-se a sombra de onde
A vida em seiva gotteja;
Atraz dos bosques se esconde
Para que o sol não a veja.

Nas moitas espessas, rasas,
Gorgeia trillos ao sol,
Essa harmonia com azas
Que se chama rouxinol!

A brisa, correndo esquiva,
Presta ao val um novo encanto,
E, nas flôres, compassiva,
Enxuga do orvalho o pranto.

Sussurrando, em tons suaves,
Entre os mais subtis raminhos,
Corre a despertar as aves,
Que ainda dormem nos ninhos!

A falta de Alvaro

A' tarde, depois de copiar no seu caderninho a poesia — *A madrugada*, Paulo foi até á casa de Alvaro.

Queria saber por que motivo faltára elle á escola.

Que foi por causa de alguma travessura, isso não havia duvida, pelo que ouvi-ra no gabinete do Director.

Mas, estava impaciente para saber que travessura poderia ter commettido o Alvaro, tão ajuizado sempre!

Quando Paulo entrou, Alvaro estava sentado á sua mesa, com a cabeça apoiada á mão.

— Então, que é isso, rapaz? Que novidades houve hoje por aqui?

— Houve que eu sou um idiota, um palerma, um toleirão!

Alvaro estava indignado contra si mesmo.

Paulo, para consolal-o, contou-lhe, então, a sua façanha da escola, e concluiu, sorrindo desapontado:

— Já vêes que eu hoje tambem fui um toleirão!

Alvaro, sentindo-se um pouco mais animado, contou então o que lhe havia acontecido.

Pela manhã, a mãe mandára-o comprar café e assucar. Sahira á rua.

Infelizmente, depois de ter dado poucos passos, avistou, pregado a uma parede, o annuncio da companhia de cavallinhos, que tinha chegado na vespera.

Promettiam-se maravilhas.

Porcos, que sabiam arithmetica; cavallos, que dansavam; macacos, que representavam pantomimas...

— Olha, Paulo, fiquei alli boquiaberto, junto do annuncio, nem sei quanto tempo! E, levado pela minha curiosidade, corri para o largo onde estavam armando o circo. Nem mais me lembrei de café nem de assucar.

Lá encontrei uma porção de gente vendo construirem as archibancadas.

Fiquei-me alli tambem.

De um lado amontoavam-se caixões e jaulas, de onde saham guinchos, latidos, miados, relinchos, zurros, toda uma vozeria de animaes. Corri para perto, para vêr melhor.

De repente, lembrei-me das compras de minha mãe.

Levei a mão ao bolso.

Oh! com seiscentos! E o dinheiro?

Perdera ou haviam-m'o roubado!

Voltei immediatamente pelos logares onde estivera parado, a vêr si o achava; voltei outra vez á praça!... Qual dinheiro, qual nada! Tinha desaparecido de uma vez!

Vim-me embora para casa, desanimado, e contei tudo á minha mãe, que me desculpou, felizmente.

Depois, olhei para o relógio. Já passava de dez horas. Era tarde, portanto, para ir á escola!

Oh! senhor, que dia de provações!

Mas sabes, Paulo? Tudo isso foi já uma consequencia da minha falta.

Agora, meu amigo, continuou Alvaro, á vista do máu procedimento que tive hoje, vou castigar-me por minhas proprias mãos Até já imaginei o castigo que vou impôr-me.

— Qual é?

— Pretendo copiar um capitulo de um bom livro; mas um capitulo que me

ensine qualquer cousa util á minha intelligencia e ao meu coração.

— Quanto eu te invejo! disse Paulo, levantando-se para se ir embora.

Pegou no chapéu para sahir.

— Espera, disse Alvaro, eu quero mostrar-te o resumo, que fiz, da lição de historia do Brasil.

E deu o seu bello caderninho para que Paulo o lêsse.



O castigo de Alvaro

Alvaro escolheu, para copiar, um capitulo de Franklin. Dizia assim:

«Quando eu era creança, em um dia de festa, meus amigos encheram-me os bolsos de moedinhas de cobre.

«Tratei logo de ir a uma loja de bonecos, mas no caminho encontrei um outro pequeno que soprava um assobio: fiquei logo tão encantado do seu mavioso som que dei por elle todo o dinheiro que tinha.

«Voltando, comecei a assobiar por toda casa, muito satisfeito com a compra que fizera, mas atordoando a todos. Meus irmãos e primas, indagando de mim quanto dera por tão ruidoso brinquedo, disseram-me que eu o tinha comprado por dez vezes mais do que o justo valor. Então fizeram-me elles vêr quantas cousas bonitas poderia ter adquirido com o meu dinheiro, si houvesse sido menos entusiasta; e tanto metteram a ridiculo a minha má compra, que chorei despeitado, vindo a reflexão dar-me mais em pezar do que o assobio me dera em contentamento.

«Este incidente teve consequencias bem proveitosas para mim; a impressão ficou-me gravada para sempre na alma.

«De então por diante, sempre que me via tentado a comprar qualquer coisa desnecessaria, dizia commigo: *Não dês tudo pelo assobio!* E assim economisava meu dinheiro.

«Entrando no mundo, e observando as acções dos homens, vi e encontrei muita gente que tudo dava pelo assobio!

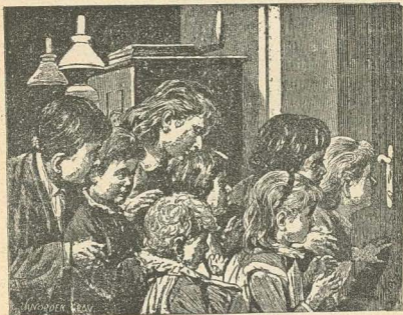
«Quando via alguém consumir seu tempo, sacrificar seu repouso, sua liberdade, seus verdadeiros amigos, por qualquer distraçãosinha, eu pensava logo: Este dá tudo pelo assobio.

«Quando via outro, avido de popularidade, occupar-se exclusivamente de polemicas publicas, e negligenciar seus negocios particulares, a ponto de ficar arruinado, eu dizia logo: Este sacrifica tudo pelo assobio.

«Si conhecia um avarento, que de tudo se privava, e se furtava ao prazer de fazer bem a seus semelhantes, para juntar um oceano de ouro, eu dizia logo: Este dá tudo pelo assobio.

Si via alguém vestido sempre no rigor da moda; morar em casa mobiliada com todo o luxo; só andar de carro, fazendo, assim, despesas superiores às suas forças, ah! exclamava eu logo, este se arruina pelo assobio!

Em conclusão, eu creio que a maior parte das desgraças que affligem a humanidade, provêm da falsa estima que se liga às cousas, o que é dar muito pelo assobio.»



O caderninho de Alvaro

25—*As outras nações da Europa atraídas pela fama das riquezas que havia no Brasil, quizeram também fundar colonias aqui.*

26—*A França foi uma das primeiras. Os francezes formaram uma colonia onde é hoje a Capital da Republica.*

Para poderem viver tranquillos, fizeram amizade com os Tamoyos, cuja tribu ali habitava.

Os portuguezes atacaram-nos diversas vezes, encontrando sempre a maior resistencia.

Finalmente, auxiliados pelos indios guayanazes de S. Paulo, conseguiram derrotal-os e expulsal-os dalli.

27—*Depois coube a vez aos hollandezes, que se tinham estabelecido na Bahia e em Pernambuco.*

Os portuguezes levaram trinta annos a combatel-os, até que numa batalha celebre, chamada dos GUARARAPES, os venceram, expulsando-os do Brasil para sempre.

28 — Os brasileiros mostraram muita valentia na guerra contra os hollandezes. Um preto brasileiro, chamado Henrique Dias, em um dos combates, foi ferido na mão direita, sendo forçado a cortal-a; mas passando a espada para a mão esquerda, continuou a combater e venceu os hollandezes.





Animaes domesticos

Era muito notavel a companhia de cavallinhos, que tinha chegado, e que motivára a primeira falta de Alvaro.

Além dos trabalhos proprios de taes companhias, esta exhibia ainda uma interessante collecção zoologica.

Todo o mundo falava com enthusiasmo dos seus espectaculos.

Numa das aulas de zoologia, a profesora, que tinha ido ao espectaculo da vespera, aconselhou aos alumnos que não deixassem de ir no proximo domingo ao espectaculo da tarde.

— Devem aproveitar o ensejo, insistia ella. Verão animaes carnivoros, como o tigre e o leão, a onça, a panthera e o lobo; pachidermes, como o elephante e a anta; ruminantes, como o camello, a vicunha e os veados; amphibios, como as phocas; e marsupiaes, como o kangurú. Vão ao circo domingo, que vocês não se arrependerão.

— Mas, então, a companhia traz todas as especies de mammiferos!

— Todas, não; os mamíferos formam quinze ordens, como vocês verão quando estudar o terceiro anno.

— A companhia não traz também bois, carneiros e cabras?

— Não; porque esses, que são animais domésticos, não despertariam interesse. Lá estão expostos tão somente animais selvagens.

— E o elephante?

— O elephante é domesticavel; amansam-no facilmente. Mas, geralmente, é selvagem.

E a professora explicou que todos os animais, que hoje são domésticos, já foram também selvagens.

O porco, a cabra, as gallinhas, o gato, o cão, o burro, o boi, todos, todos os animais foram selvagens em outros tempos.

Terminou-se a hora da lição de zoologia.

Na lição de linguagem, que lhe succedeu, a professora mandou que os meninos escrevessem os nomes de todos os animais domésticos que conheciam.

Alguns escreveram mais de doze nomes.



Presente furtado

O espectáculo de domingo, á tarde, era dedicada à infancia das escolas, e em beneficio da Santa Casa de Misericordia.

Constava de duas partes.

Na primeira, os artistas e o palhaço faziam exercicios acrobaticos, cómicos e equestres.

Na segunda exhibir-se-ia a collecção zoológica; terminando o espectáculo uma pantomima por macacos e cães ensinados.

Nesse domingo, justamente, o tio José completava sessenta annos.

Sempre bom, sempre carinhoso com os sobrinhos, logo de manhã foi prevenil-os de que estava disposto a leval-os ao espectáculo.

—A gente velha é como as creanças: gosta de cavallinhos e de palhaços!... disse rindo-se.

Luizinha, assim que ouviu a voz de seu bondoso tio, correu para elle, gritando:

—Adivinhe, titio, si fôr capaz, o presente que tenho para lhe dar.

— Alguma carteira cheia de dinheiro, não é?

— Muito melhor do que isso! E até foi furtado! Imagine lá que o furtei da mamãe!

— Hein?! Furtaste!... Então, não quero.. Agradeço presentes furtados!

— Eu sei que o senhor ha de agradecer como... mas depois que o tiver provado!...

— Eu hei de provar e, ainda por cima, agradecer presente furtado?! Pois olha que seria a primeira vez! E Deus me livre que a minha sobrinha tivesse praticado uma acção tão feia!

— Então, escute qual é o presente. Mas faça favor de abaixar-se, que eu só posso dizel-o ao seu ouvido!...

Tio José abaixou-se, e Luizinha, alçando-se nos bicos dos pés, cingiu-lhe o pescoço num longo abraço.

— Gostou ou não gostou? perguntou ella, depois, em ar de desafio.

— E o presente, que é delle?

— Pois já o não recebeu? Que ambicioso! Foi esse abraço, abraço que eu furtei de mamãe.

Todas as manhãs, depois que me visto e me lavo, e penteio os meus cabellos, dou um abraço na mamãe.

Hoje a coitadinha ficou chuchando no dedo. O meu primeiro abraço foi para o tio José, que eu quero muito, mesmo muito.

Mas fique sabendo que é só hoje, e isso mesmo porque o senhor faz annos. Nos outros dias, o meu primeiro abraço ha de ser, como sempre, da mamãe.

— Fazes muito bem; mas o segundo, ao menos, será meu...

— Não vê! O segundo é do papae! disse Luizinha, alegremente, fazendo um muchocho.



Ha risos . . . e risos

Tio José quiz que a alegria fôsse completa, e deu licença para que cada um dos meninos levasse consigo um amigo ao espectáculo.

Paulo lembrou-se de Alvaro.

Donato convidou Zuzú.

Luizinha mandou a creada buscar a Rita.

O Victor faria par com tio José.

O espectáculo estava annunciado para uma hora da tarde.

Como já era meio-dia, iam pôr-se a caminho.

Só faltava o Zuzú que não apparecia.

Esperaram mais quinze minutos. Nem sombra de Zuzú.

— Querem saber de uma cousa? disse, afinal, tio José; vamos indo: o Zuzú nos alcançará.

Effectivamente sahiram. D. Julia, da porta, ainda aconselhou aos filhos que se portassem bem; pois, nos logares publicos e nos espectaculos, deve a gente portar-se com todo o respeito.

Durante o caminho, Donato, que ficára sem companheiro, juntára-se a tio José.

Iam todos muito satisfeitos, anciosos para vêr os animaes ensinados, de que se diziam tantas maravilhas.

De repente, mudando de conversa, Donato perguntou a tio José:

— Porque é que D. Julia recommendou tanta cousa ao sahirmos? Pois a gente não ha de rir-se com as graças dos palhaços? Não ha de bater palmas aos artistas e aos animaes ensinados? Ella quer que a gente fique quietinho! Então é falta de educação ficar-se alegre?

— Alegria não quer dizer falta de respeito, meu filho; nem respeito quer dizer tristeza! As pessoas bem educadas são, geralmente, as mais alegres; porque a educação faz que vivamos sempre contentes com o nosso proceder. Não ha nada mais alegre ao coração do homem educado do que ter a certeza de que cumpriu o seu dever! O riso natural, quando uma pessoa está satisfeita, alegre, e tem vontade de rir, nunca offende.

— Então, ha risos que offendem?

— Ha, sim: ha o riso dos malcreados quando zombam dos outros. Rir-se, por exemplo, de um pobre aleijado; rir-se de

quem cahe ao chão; rir-se de quem anda mal vestido por não poder trajar melhor; rir-se de quem se engasga com qualquer comida; rir-se dos gagos; rir-se de quem falla errado, — todos esses risos são offensivos, porque magôam áquelles que delle são objecto!

Ha algumas pessôas que levam a sua falta de caridade ao ponto de rir-se dos desatinos dos doudos e dos ébrios!

— Não deve a gente rir tambem dos ébrios? Mas, elles, ás vezes, são tão engraçados!

— Póde ser que te pareça assim, a ti, que és ainda criança. Mas os ébrios são justamente os doentes mais dignos de lastima; porque, além de perderem a saúde e o juizo, provocam, nos seus semelhantes, desprezo e repugnancia!

Chegaram á porta do circo, onde havia muita gente a comprar bilhetes de entrada.

Tio José ainda olhou em derredor, para vêr si o Zuzú estaria por alli, á espera delles.

Não o vendo, comprou sete bilhetes, e entraram.

O espectáculo

O circo estava completamente cheio.

Nos camarotes, nas cadeiras, nas archibancadas, em fórmula de amphitheatro, não se via vago um logar sequer.

Como o espectáculo era dedicado á infancia, mais de metade dos espectadores eram crianças.



Em muitos bancos viam-se seis e oito petizes, acompanhados por uma só pessoa grande.

Luizinha, com o coração palpitante de alegria, percorreu com os olhos o vasto circo.

Havia crianças de vestidinhos côr-de-rosa, brancos, azues, vermelhos, amarellos; umas de chapéo de palha; outras, de chapéo de feltro; outras, de boné; muitas, com a cabeça descoberta, a cahir-lhes sobre os hombros os cabellos louros, ou castanhos, ou pretos. As blusas á marinheira entre-mejavam-se com as jaquetinhas; as camisolas com os vestidinhos adornados de fitas.

Daquelle palpitar de fitas, flôres e alegria; do seio daquelle mixto de pobres e ricos, de pequenos e grandes, subia ao ar um ruido alegre, expansivo, que enchia o circo de um frémto de vida e enthusiasmo.

De repente, do meio do ruido, ouviram-se duas pancadas sonoras, que resoaram pela vasta arena.

— Bum-bum!

Era o bombo que dava o signal para a musica tocar.

Fez-se silencio. Todos endireitaram-se nos seus logares.

Começou o espectáculo, cuja primeira parte constava do seguinte:

- I — Transformações equestres;
- II — Sahida comica dos palhaços;
- III — O porquinho ensinado;
- IV — Palhaços musicaes;
- V — Jogos malabares;
- VI — O burrinho de alta escola.

Era um programma adréde feito para as creanças, sem exercicios acrobaticos perigosos. Fôra o Director da escola quem o recommendára ao empresario da companhia de cavallinhos; porque ha meninos que

querem fazer em casa aquillo que veem os artistas fazerem no circo, sem se lembrar do perigo a que se expõem.

A gymnastica é muito necessaria mas só se devem fazer os exercicios que na escola ensinam.

O artista, que tinha de fazer a transformação equestre, veiu todo vestido de velho, apoiado a um bastão, e com umas longas barbas brancas.

Poz-se de pé sobre o cavallo. A' proporção que o cavallo corria, trotando pelo picadeiro, elle ia tirando o paletot, a calça, o chapéo. Ficou em camisa e de collete. Depois, tirou o collete. Apareceu outro collete; depois, outro, quando tirou o segundo; e assim foi tirando um, dous, tres, quatro, uma duzia de colletes, até que tirou o ultimo juntamente com a camisa. Apareceu então a sua roupa de artista: um lindo calção azul, todo refulgente, graças a milhares de lantejoulas douradas.

O publico o applaudiu freneticamente.

Depois vieram os palhaços que fizeram rir a creança com as suas quédas desastradas, e ás suas graças.

Depois, um dos palhaços trouxe um porquinho e um quadro-negro, onde já se achava escripta uma conta.

Em uma das patas do porquinho estava amarrado um giz branco.

O palhaço collocou o animalzito no chão, junto do quadro-negro, e mandou que elle fizesse uma conta de multiplicar.

O porquinho, tremendo, tremendo, sentou-se sobre as patas trazeiras, e escreveu uns garranchos que pareciam algarismos. A conta era esta:

37

3

Elle a fez certinha, escrevendo, por baixo, o numero III.

— Bravo! Merece nota doze! gritou um gaiato, applaudindo entusiasmado.

Luizinha estava de bocca aberta, admirada.

Como é que um porquinho podia saber arithmetica?

Foi preciso tio José expricar-lhe que o porquinho todos os dias fazia a multiplicação dos mesmos numeros, e, que, por isso, não era tão difficil como a ella lhe parecia.

Depois veio o burrinho, que obedecia ao amo em tudo. Andava a passo, a trote, ajoelhava, dançava, deitava-se, fingia de morto, e ficava immovel como uma pedra, quando elle, pondo-lhe um pé sobre a barriga, dava um tiro para o ar.

— Um burro sabio! exclamou, sem querer, o Donato.



A collecção zoologica

Acabada a primeira parte do programma, houve um intervallo, para que os espectadores pudessem examinar a collecção zoologica, exhibida num grande pateo, por detraz do circo.

Todos os animaes estavam em espaçosas jaulas.

Lá estava o leão, o rei do deserto, com a sua bella juba dourada a cobrir-lhe todo o pescoço.

Ao lado via-se um elephante, activo, apanhando com a tromba os biscoutos e doces que as creanças lhe offereciam.

O tigre, esse olhava muito fixo para as pessoas, que chegavam junto de sua jaula. Lambia os beiços, parecendo que tinha vontade de comer todo o mundo.

A girafa, apoiada sobre umas pernas longas e finas, estendia seu pescoço muito comprido.

A onça era muito parecida com um gato grande, de pelle mosqueada. De vez em quando ella adelgaçava os labios, mostrando uns dentes agudos, que mettiam medo.

O urso parecia um homem de pé, atrapalhado com as calças que lhe embaraçavam as pernas.

O lobo era tal qual um cão, com a cauda cahida, e com o olhar muito desconfiado.

A anta, essa era corpulenta e forte, o pello muito lustroso. Sobre o focinho via-se-lhe uma pequena tromba.

O camello fazia lembrar a historia das brancas caravanas atravessando os longos desertos da Africa.

O kangurú tinha as pernas trazeiras muito compridas, e as dianteiras bem curtinhas. Estava sentado, com um ar desconfiado.

As phocas, muito gordas e roliças, mais pareciam peixes que mammiferos.

Havia, tambem, algumas aves interessantes: avestruzes, cegonhas, araras, emas.

A creançada não se fartava de contemplar todos aquelles lindos animaes, que só conhecia de nome.

Bateu uma sineta chamando o povo para o circo.

La recommear o espectaculo.

Quando voltaram aos seus logares, tio José e os meninos tiveram uma surpresa: Zuzú lá estava sentado numa das cadeiras.

— Como é que você veio?! De que modo entrou?!

— Muito bem. Eu perdi a hora, e quando cheguei á casa de D. Julia, todos já tinham saído. Eu também queria assistir ao espectáculo, e... soldado velho não se aperta!...

— Hum! Hum! resmungou o tio José, com o semblante carregado, ao ouvir a explicação de Zuzú!



A pantomima

Emquanto os espectadores se distrahiam no pateo, a examinar a collecção zoologica, os empregados tinham transformado a arena do circo.

Haviam collocado, no centro do pica-deiro, uma mesa riquissima, com iguarias para um banquete.

Em torno della puzeram muitas cadeiras, e, a um lado, uma porta, com este letreiro:—COPA E COZINHA.

Depois que o publico se sentou, a um novo signal da sineta a musica poz-se a tocar uma valsa.

Immediatamente, lá de dentro, pela porta por onde sahiam os artistas, vieram vindo os personagens da pantomima.

Eram macacos e cães, vestidos de gente.

Uns iam representar de cosinheiros; outros, de copeiros; e outros, de convidados do banquete.

Os convidados sentaram-se á mesa; e os copeiros iam e vinham da porta para a mesa, trazendo os pratos e garrafas.

Principiou o banquete. Tudo ia muito bem; mas, de repente, como os convidados não eram lá muito educados, não podendo ageitar-se com os talheres, começaram a agarrar a comida com as mãos, e a beber pelas garrafas. Depois principiaram uns a pôr as mãos nos pratos dos outros. Os copeiros, vendo a desordem, também correram á mesa para comer e beber.

Estabeleceu-se a confusão. Cada qual queria ser o mais activo. Os copos, as garrafas e os pratos em poucos instantes começaram a voar pelos ares.

Uns empurravam os outros. As cadeiras rolavam já pelo chão.

Não se sabia mais quem era conviva, nem cozinheiro, nem copeiro.

Tinham deixado os bons modos do começo; transformavam-se agora no que eram realmente; uns verdadeiros *brutinhos*

De repente, entrou um palhaço brandindo uma bexiga cheia de ar, e tocou todos os brutinhos para dentro, a poder de ruidosas *bexigadas*, no meio da risada alegre dos espectadores.

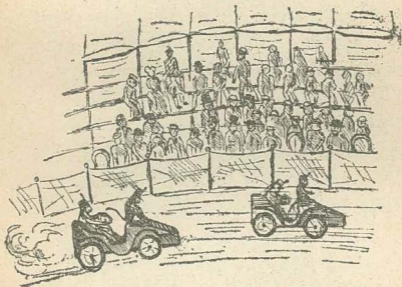
Acabou essa scena.

Depois trouxeram tres cabrinhas brancas que subiam e desciam escadas; equilibravam-se em cima de esferas; e faziam outras habilidades.

O espectaculo ia terminar. Faltava apenas o ultimo numero do programma: a grande corrida, que todos esperavam, ansiosos.

A musica começou a tocar um ruidoso galope.

Dalli a pouco sahiram para a arena tres automoveis, guiados por macacos.



O povo rompeu em applausos.

Dentro dos automoveis vinham cães, vestidos de senhoritas; e macacos, calçados de botas, e de cartola na cabeça.

Deram algumas voltas pela arena. As creanças applaudiram ruidosamente. De repente virou-se um dos automoveis, e um grande cão reforçado sahi correndo de baixo d'elle.

O povo, que estava receando uma explosão, desatou a rir gostosamente.

Os motores dos automoveis eram cães de carne e osso!



Bons conselhos

De volta do espectáculo, depois de trocarem a roupa com que tinham sahido, Paulo, Donato e Luizinha vieram para a varanda, onde se achavam tio José, D. Julia e as outras creanças.

Conversava-se animadamente sobre o espectáculo.

Tio José era o unico que nada dizia.

Avincava-se-lhe a testa em uma profunda ruga, como si elle estivesse pensando em uma cousa grave.

De vez em quando relanceava um olhar para o lado de Zuzú.

O bom do velho procurava descobrir de que modo o endiabrado menino tinha conseguido penetrar no circo.

Entretanto, o Zuzú, tomando a palavra, dizia:

— Quer saber como entrei no circo, Paulo? Vocês pagaram a entrada! Pois eu não: fui mais fino! Rodeei o circo, procurei um lugar onde não havia gente e enfiei-me por baixo do panno! Tio José poupou dois mil réis!

— E' engano seu, meu filho! retorquiui immediatamente o velho marinheiro, que applicára o ouvido para melhor escutar o que Zuzú dizia; não poupei os dois mil réis, não, como você está cuidando. Aqui estão elles: você vae agora mesmo leval-os ao director do circo.

Paulo e Zuzú ficaram muito admirados com aquellas palavras do tio José.

Elle continuou:

— Você commetteu uma acção indigna, impropria de quem é honesto. Foi um verdadeiro roubo o que fez. Diga-me: de que vivem todas essas pessoas que trabalham no circo? Com que é que o director paga todas as despesas da companhia? Onde encontra elle o dinheiro necessario para alimentar a sua collecção zoologica? Não será no producto dos seus espectaculos?

Pois bem, eu deveria ter pago oito entradas, porque eram oito as pessoas que, daqui de casa, foram commigo assistir ao espectaculo. Entretanto, por sua culpa, paguei apenas sete. Não posso permittir isso: não quero ser cumplice nessa sua acção deshonestas.

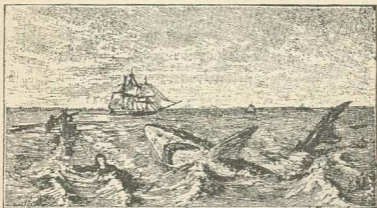
Aqui estão os dois mil réis que faltaram. Vá leval-os ao director do circo, e peça-lhe desculpas, dizendo-lhe que não sabia o mal que praticava. Tome; ande!

— Coitado do Zuzú! exclamou Luizinha; que vergonha vae ser para elle!

— Nenhuma vergonha, minha filha! Ha mais nobreza no confessar e remediar a falta do que persistir nella!

Entretanto, Zuzú, obedecendo aos bons conselhos de tio José, sahia, depressa, levando o dinheiro. Ia um pouco envergonhado; mas não zangado!

Era um peralta, sim; mas tinha um bom character.



Caderninho de Paulo

MÃOS

Gosto da mão forte e nobre
Que me abençôa e ordena;
Da mão robusta, serena,
Que me guia para o bem!
E da mão suave e terna,
Que me embalou no bercinho,
Rica de amor e carinho,
Que tantas doçuras tem!

Gosto da mão pequenina,
Generosa, bemfazeja,
Que vae á porta da igreja,
Uma esmola aos pobres dar;
Gosto da mão do operario,
Da mão rude, callejada,
Que de machado ou de enxada,
Leva o dia a trabalhar!

Gosto da mão dos artistas,
Que produzem harmonias,
Ou desenham phantasias

Com lapis, tinta ou cinzél!
Gosto da mão dirigida
Por um sabio entendimento,
Que levanta um monumento,
Sobre tiras de papel!



O caderninho de Alvaro

29—*Em 1789 alguns brasileiros quizeram proclamar a independencia do Brasil.*

Moravam elles em Villa-Rica, cidade da capitania de Minas a qual hoje se chama Ouro-Preto.

Os homens mais notaveis desse tempo faziam parte da conspiração.

30—*Entre os revolucionarios, o mais entusiasta e corajoso era um alferes de nome Joaquim José da Silva Xavier, alcunhado o TIRADENTES.*

31—*O governador de Minas soube da conspiração. Mandou logo prender Tiradentes e seus companheiros, remetendo-os para o Rio de Janeiro.*

32—*Tiradentes morreu, enforcado, no dia 21 de Abril de 1792.*

Seus companheiros de conspiração foram quasi todos deportados para a Africa.

Quatro dedos

Fabiani, o alumno novo, que fôra causa da suspensão do Zuzú, tornara-se amigo de todos.

Era bom companheiro, alegre, e bem disposto tanto para o estudo como para o brinquedo.

Tinha um genio admiravel, e difficilmente se zangava. Era, emfim, um menino educado.

Apenas uma cousa lhe fazia perder a calma: era falarem dos seus quatro dedos.

Si alguem olhava para a sua mão, procurava logo escondel-a. Ninguem sabia a causa do seu defeito, e, como não gostava de que o interrogassem a respeito, respondia invariavelmente: Não me lembro! Faz tanto tempo!

Um dia, durante uma lição de cousas, a professora explicava a vida dos operarios das fabricas. Mostrava o dever que nos corre de estimar a esses homens que passam longos dias dentro de vastos edificios, onde o ar é impuro, o trabalho

pesado, e onde o homem está sempre exposto ao enorme perigo das machinas em movimento.

A's vezes por um simples descuido, um operario é apanhado por uma roda ou por uma polia, e fica logo morto alli, ou então aleijado para o resto de sua vida.

Fabiani, que escutava com muita attenção, levantou a mão, e a professora fez-lhe um gesto para que falasse.

— Nas pequenas officinas, mesmo sem ter machina a vapor, tambem se dão desastres, não é verdade?

— E' mais difficil, mas pódem tambem dar-se. Mas porque me fazes essa pergunta?

Fabiani escondeu depressa a mão, e respondeu:

— Por nada, senhora professora; apenas para saber!

Todos olharam para Fabiani, que ficou córado como lacre.

Então a professora que sabia toda a sua historia, falou deste modo:

— Eu sei porque é que estás incomodado: é que a minha lição te lembrou

alguma cousa desagradavel. Não gostas de que se fale nesse assumpto, mas eu vou contal-o, porque as faltas devem ser confessadas, principalmente faltas como a tua, que teve um castigo tão forte. Não é vergonha confessar uma falta, quando se teve o proposito de não commettel-a seriamente.

E a professora contou então que o Fabiani era filho de um encadernador, que trabalhava na propria casa de residencia.

O pae prohibira-lhe o brincar na officina, porque os utensilios de trabalho são improprios para servir de brinquedos; mas, permittia-lhe que estivesse alli, vendo o serviço, porque tinha vontade que o filho seguisse a mesma profissão.

Um dia, quando o pae não se achava presente, Fabiani, tomando quatro folhas grandes de papel, entendeu de fazer um livro. Queria preparar um album para sellos. Dobrou o papel; quiz costural-o, mas não soube. Então foi á machina de alcochetar. Custou-lhe um pouco, mas afinal os grampos seguraram o papel. Grudou-lhe depois uma capa. E com uma tesoura, tentou aparar as folhas para ficar

o livro certo. Mas as folhas não se ajustavam nem por nada!

Resolveu cortar o livro na guilhotina.

Levantou o cutello, collocou o livro em baixo e zàs, puxou a alavanca.

Ao abaixar-se o cutello, um dos seus dedos ficára decepado.



O Caderninho de Alvaro

33 — *Em 1808, Portugal foi invadido pelos francezes, a mandado do Imperador Napoleão 1.º; D. João VI rei de Portugal, teve de fugir, e veio com toda a sua familia para o Brasil.*

34 — *Com a estada do rei aqui, o Brasil progrediu bastante.*

D. João VI, porém, não se demorou muito. Em 1821 voltava de novo para Portugal deixando, como regente, seu filho D. Pedro. O Brasil pertencia ainda a Portugal.

35 — *Os brasileiros queriam que o Brasil se separasse de Portugal, e formasse um paiz independente. Cada vez, porém, que conspiravam para esse fim, eram castigados duramente.*

Em 1817 foram mortos muitos brasileiros porque tentaram de novo a liberdade do Brasil.

36 — *O principe D. Pedro, vendo esse desejo dos brasileiros, e achando que o Brasil era bastante forte para poder viver sem a tutêla de Portugal, procla-*

mou, enfim, a sua independencia, no dia 7 de Setembro de 1822.

O Brasil, desde essa data, constituiu-se em Imperio, ficando o Principe como Imperador, com o titulo de Pedro I.º



Approxima-se o fim

Approxima-se o fim do anno. Os alumnos andam mais preocupados com os seus estudos. E' que o Director da escola dissera que iria assistir a todos os exames finaes, e ninguem queria fazer fiasco.

Alvaro continuava a occupar o logar de primeiro estudante da sua classe.

Paulo, por mais que fizesse, não o alcançava; mas não lhe tinha inveja, porque conhecia muito bem que seu amigo merecia com toda a justiça o primeiro logar. Continuava, pois, a ser seu amigo, mas amigo devéras.

Donato gostava mais do Zuzú: o valentão dava-se muito bem com o peralta. Donato aprendia com elle a não zangar-se tão facilmente; Zuzú aprendia com Donato a pensar com seriedade.

Assim, cada dia um ficava menos valentão e o outro menos peralta.

Durante a hora do recreio, todos conversavam sobre o dia do encerramento das aulas.

— Ha de ser um festão! diz um.

— Mamãe já está fazendo uma roupa nova para mim, dizia outro.

— Quem vae recitar a poesia mais bonita sou eu.

— Sabes? arranjei flôres numa chacara. Nessa chacara de que falo, ha flôres de toda a qualidade, e a gente as traz á braçadas.

Todos estavam animados, todos estavam contentes.

... Todos, não; havia alguns que, nesses ultimos dias, andavam pensativos. Eramos que tinham sido mais alegres no meio do anno; os que brincavam em vez de trabalhar; os que não tinham estudado. Esses temiam agora o resultado. Alguns já tinham perdido a esperança de passar para o terceiro anno, e andavam com a cara fechada, evitando os companheiros, fugindo do brinquedo.

Alvaro e Paulo tinham certeza de ser promovidos. Donato tinha medo, mas não lhe faltava esperança. Zuzú continuava a rir, a brincar, mas o riso muitas vezes era fingido. E, escondendo-se dos amigos, passava horas e horas a lêr, a escrever, a fazer contas.

E a Luizinha?

Ah! essa já sabia lêr.

E como era muito boasinha, e muito querida da professora, nem se lembrava do fim do anno, nem das festas. Para ella, havendo a mamãesinha, o papae, a Zilda, o tio José e os irmãos, todos os seus dias eram dias de festa.



Na vespera

Na vespera da festa do encerramento a escola tinha tomado um aspecto muito exquisito!

Não se via a ordem de todos os dias. Não havia aulas. Os corredores, sempre tão limpos e silenciosos, estavam todos atravancados. Viam-se tinas com plantas, vasos para flôres, folhas de palmeira e de carvalho, bandeiras, saccos de confetti, grinaldas e festões, tudo de mistura!

Os meninos trepavam por escadas de mão, e, de martello em punho, pregavam enfeites pelas paredes. Sentia-se no ar um perfume agreste.

O proprio Director, que nunca deixava seu ar circumspecto, naquelle dia parecia outro; andava de uma sala para outra, vendo o trabalho de cada uma, dando o seu parecer, risonho, amavel, cheio de interesse e de attenções.

Quando entrou na sala do quarto anno, estava um menino trepado no alto de uma escada de abrir, no meio da sala, pendurando uma bola de papel. Elle correu para

a escada e, solícito, a ficou segurando até que o menino descesse.

— Vocês são tão imprudentes! disse depois. Um simples descuido podia fazer tombar a escada, e uma queda assim do alto não é brincado. Si não tiverem mais juízo, prohibo já toda esta pagodeira.

E dirigindo-se a um professor:

— Como este povinho miúdo gosta da escola! No nosso tempo não havia disto, não é verdade?

As creanças fugiam de suas salas para vêr as dos outros; e discutiam qual dellas iria ficar mais bonita. Cada um queria que a sua fôsse a melhor.

A uma hora da tarde algumas salas já estavam promptas, e as professoras fechavam a porta, e pediam aos alumnos que voltassem bem direitinhos para casa.

Os creados começavam a varrer os corredores.

Pouco a pouco diminuia a animação. A ultima sala terminou finalmente os seus preparos. Sahiram as ultimas creanças. E a escola cahiu outra vez num grande silencio, à espera do dia seguinte, do grande dia.



O caderninho de Alvaro

ULTIMA LIÇÃO

37—O Brasil foi imperio durante 67 annos. Só teve dous imperadores: D. Pedro I e D. Pedro II, filho daquelle.

D. Pedro I, em virtude de uma revolução, foi obrigado a sahir do Brasil, indo ser o rei de Portugal.

Sucedeu-lhe seu filho, D. Pedro II, sob a regencia de homens brasileiros eminentes, pois que elle era ainda muito creança.

38—Durante o tempo do imperio; o Brasil teve muitas guerras:

Teve de combater contra a Republica Argentina; contra a Republica do Uruguay; e contra a Republica do Paraguay.

39—A guerra com o Paraguay durou cinco annos.

Durante os ultimos tempos do Imperio libertaram-se os escravos africanos, que ainda existiam.

A lei da abolição total da escravatura foi promulgada no dia 13 de maio de 1888.

40—*Um anno depois, a 15 de Novembro de 1889, foi abolida tambem a Monarchia e proclamada a Republica, que é hoje a fôrma de governo que nos rege.*



O grande dia

Era adoravel o aspecto da escola.

Todas as salas estavam enfeitadas. Nas dos meninos, viam-se principalmente folhagens e bandeiras; nas das meninas, crochets, rendas, fitas e flôres de papel; e, em todas ellas, uma quantidade profusa de rosas, dhalias, camelias, magnolias, violetas, e mil outras flôres, de todas as côres, de todas as fórmãs, de todos os perfumes.

A' entrada das salas, havia tinas com palmeiras.

Os corredores estavam apinhados de gente. As familias dos alumnos queriam tambem tomar parte na festa das creanças.

Meninos e meninas, quasi todos trajados de branco, e estas com uma faixa auri-verde a tiracóllo, moviam-se de um lado para outro. Parecia que não podiam estar quietos.

A's dez horas, professores e professoras entraram para as salas. Tocou a sineta. Ia começar a festa de cada uma. O povo curioso e alegre, apertava-se às portas, numa confusão de sobrecasacas e de

paletots, de capas de seda e de vestidos de chita.

A professora da classe de nossos amiguinhos, sentou-se ao piano, deu um signal e os alumnos levantaram-se.

As creanças, então, cantaram acompanhadas pelo piano, este hymno:

Escola, templo bemdito,
Acceita saudações!
Teu nome ficará escripto
Em todos os corações.

Salve! Salve! templo santo
De ideaes esperançosos!
Sob o teu augusto manto
Serémos todos ditosos.

Tu contens todas as esperanças
Duma geração viril;
Porque, educando as creanças,
Engrandeces o Brasil.



O exame

Depois do canto começou o exame. Os alumnos estavam um pouco receiosos, mas o medo logo passou, porque ficaram conhecendo que a professora era a primeira a esforçar-se para que todos fizessem boa figura. Ella fazia as perguntas tão claramente, tão bem feitas, que quasi todos atinavam logo com a resposta.

Alvaro mostrou ainda uma vez que era um estudante distincto. Em historia do Brasil foram tão interessantes, tão completas as respostas, que, quando terminou, uma salva de palmas o saudou espontaneamente.

Então um homem rude adiantou-se, e pediu licença á professora para abraçar o rapaz.

Estava pobrementemente vestido, parecendo mesmo que acabava de deixar o trabalho. Era o pae de Alvaro, um carpinteiro, que trabalhava na construcção de uma casa, perto da escola. Quando Alvaro recebeu aquella prova de amor paternal, nova salva de palmas resoou por toda a sala, e ahí os applausos já não foram só dos visitantes,

sinão também dos alumnos e até da professora, que escondia o rosto, para que se não visse que estava com os olhos marejados.

Nesse instante entrou o Director. Trazia na mão um livro, embrulhado em papel de seda e amarrado com uma fita encarnada.

Depositou o livro sobre a mesa e sentou-se. Depois, chamou alguns alumnos á pedra, para fazerem contas, e declarou-se satisfeito. Realmente, via-se-lhe no rosto que o estava devêras.

Em seguida, tirou da gaveta um pacote de cartões e disse que ia distribuir os boletins de promoção aos alumnos que deviam passar para o terceiro anno. Foi chamando um a um. Quasi todos mereceram a promoção; apenas cinco foram reprovados.

Quando era chamado um alumno bom, estudioso, antes mesmo de ser lido o boletim, já os companheiros batiam palmas. Paulo teve o prazer de ser recebido assim, e, ao caminhar para a meza, seu olhar cruzou-se com o de D. Julia, que estava ao pé da porta.

Donato tambem foi promovido. Chegou a vez de Zuzú; quando elle se levantou, todos ficaram curiosos.

Recebeu, tambem, boletim de promoção; mas a professora chamou-o e disse-lhe que, para o anno seguinte, brincasse menos, pois que tinha estado por um fio a tomar uma reprovação...

Ao voltar para o seu logar, olhou para os companheiros fazendo uma careta engraçada; todos riram, mas não bateram palmas.



O melhor alumno

Quando terminou a distribuição dos boletins, o Director entregou á professora o livro que trouxera e disse o seguinte :

— A Camara Municipal enviou-me este premio para ser conferido ao melhor alumno desta classe. Deixo á senhora a responsabilidade da escolha.

«E' uma recompensa do governo municipal ao alumno que mais se distinguiu».

Cumprimentou, depois, a professora, pelo bello resultado dos trabalhos do anno escolar, e retirou-se para ir visitar as outras salas.

A professora tomou, então, o livro, e, dirigindo-se aos alumnos, disse-lhes que estava completamente satisfeita com quasi todos, pois que todos tinham sido bons estudantes, e que, á vista disso, não sabia a quem conferir o premio. O premio pertencia, pois, moralmente, a toda a classe, mas como não podia desfolhar-se, porque assim ninguem o aproveitaria, cada alumno lhe daria muito prazer si quizesse ajudal-a na escolha do mais digno de recebê-lo.

Tomou então de uma folha de papel, cortou-a em pedacinhos, que dividiu por todos os alumnos, e mandou que elles escrevessem o nome do colleginha que, segundo a opinião de cada um, merecia o premio.

Pediú que fossem justos, que se esquecessem de sympathias ou de antipathias. Deviam apenas votar naquelle que julgassem ter sido o mais esforçado, o mais trabalhador, o mais cumpridor de seus deveres durante todo o anno decorrido.

Dous minutos depois, levando na mão um chapéu de palha, um dos alumnos recolhia todas as cédulas, que entregou á professora.

Duas mocinhas que se achavam na sala, assistindo á festa, encarregaram-se de abrir e lêr em voz alta os papelinhos.

Começou a leitura.

— Alvaro! leu uma dellas, na primeira cédula aberta.

Todos bateram palmas.

Abriu-se outra.

— Alvaro! leu a outra mocinha.

Abriu-se outra, e outra e outra... Em todas estava escripto um mesmo nome — Alvaro.

Em todas, não. Numa dellas estava o nome de Paulo.

Fôra Alvaro quem votára nelle.

A professora chamou, então, Alvaro e entregou-lhe o premio.

Uma nova salva de palmas irrompeu ruidosa por toda a sala.

A professora adiantou-se para o carpinteiro, e apertou-lhe a mão, dando-lhe os parabens; todas as pessoas presentes fizeram o mesmo, ricos e pobres, conhecidos e desconhecidos.

Quando o bom do homem quiz procurar o filho para leval-o para casa, não havia meio de arrancal-o da sala, porque todos os companheiros queriam abraçal-o ao mesmo tempo.

FIM



INDICE

	Paginas
Aos srs. Professores	3
Férias	5
A despedida	8
As creanças	11
A volta para a cidade	12
Os animaes	15
A caçada de macacos.	18
Cá está o bicho	21
Sonhos.	24
Canção.	26
A idéa de Alvaro.	28
Uma bella poesia (poesia de Bruno Seabra)	31
A caminho da escola.	34
Hymno	37
O caderninho de Alvaro.	38
Arrufos	42
O Tupy e a Negrinha	45
Historia de um ignorante—I O ferido	48
Historia de um ignorante—II Convalescença	52
O caderninho de Alvaro—2. ^a lição	55
Nota doze!	57
O caderninho de Paulo—Cahir das folhas (Dr. Vicente de Carvalho)	60
Historia de um ignorante—III—Triste começo.	62
Historia de um ignorante—IV—Não sei lêr	65
Historia de um ignorante—V—Não sei escrever, não sei contar	67
Lembrança querida	70
Classificação difficil	73
Primeiro de Abril.	76
A ran	81
O caderninho de Alvaro—3. ^a lição de historia	83
As historias da vovó—A joia magica	85
Duas novidades	89
Um conselho	93
Donato como mestre	96
O caderninho de Paulo—Canto da mocidade	99
Azedo e amargo	100
Uma lição de hygiene	101

	Paginas
O caderninho de Alvaro—4. ^a lição	105
Zuzù	107
Donatinho	110
Mata-mouros	112
O caderninho de Alvaro—(5. ^a lição)	115
Poder da vontade.	117
As historias da vovó— Uma acção virtuosa.	120
A merenda	123
Paulo no gabinete.	126
O caderninho de Alvaro— (6. ^a lição).	129
O caderninho de Paulo—A madrugada... (Bartrina).	131
A falta de Alvaro.	132
O castigo de Alvaro	136
O caderninho de Alvaro (7. ^a lição)	139
Animaes domesticos	141
Presente furtado	143
Ha risos... e risos	146
O espectáculo	149
A collecção zoologica.	154
A pantomima	157
Bons conselhos	161
O caderninho de Paulo—Mãos	164
O caderninho de Alvaro	166
Quatro dedos	167
O caderninho de Alvaro	171
Approxima-se o fim	173
Na vespera	176
O caderninho de Alvaro—Ultima lição.	178
O grande dia	180
O exame	182
O melhor alumno.	185

FRANCISCO ALVES & COMP. — Editores

Rio de Janeiro — S. Paulo — Bello Horizonte

SÉRIES DE LIVROS DE LEITURA

PUIGGARI-BARRETO

Primeiro livro . . .	1\$500	Quarto livro . . .	3\$000
Segundo livro . . .	2\$000	Quinto livro . . .	4\$000
Terceiro livro. . .	2\$000		

JOÃO KÖPKE

Primeiro livro . . .	1\$500	Quinto livro . . .	4\$000
Segundo livro. . .	2\$000	Fabulas	1\$500
Terceiro livro. . .	2\$000	Leituras Praticas . .	1\$500
Quarto livro	3\$000		

ARNALDO BARRETO

Cartilha analytica . .	1\$500	Primeiras leituras . .	2\$000
Cartilha das Mães . .	1\$000	Leituras Moraes. . .	1\$500

THOMAZ GALHARDO

Cartilha da Infancia . .	\$500	Terceiro livro	2\$000
Segundo livro.	1\$000		

FELISBERTO DE CARVALHO

Primeiro livro	1\$500	Quarto livro.	3\$000
Segundo livro.	2\$000	Quinto livro	3\$000
Terceiro livro.	2\$500		

MARIO BULCÃO

Vida Infantil — Primeiro livro	1\$500
„ „ — Segundo livro	2\$000
„ „ — Terceiro livro	2\$000
„ „ — Quarto livro	\$

FRANCISCO VIANNA

Leituras Infantis — Leitura Preparatoria (de collaboração com M. Carneiro Junior)	1\$500
„ „ — Primeiro livro	1\$500
„ „ — Segundo livro	2\$000
„ „ — Terceiro livro	2\$000
„ „ — Quarto livro	(em preparação)